

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**

Fábio de Lima Alvarez

Tecnologia e poder:

**Uma análise dos cadernos de informática dos
jornais Folha e Estado de São Paulo**

Bauru
2009

Fábio de Lima Alvarez

Tecnologia e poder:

Uma análise dos cadernos de informática dos jornais Folha e Estado de São Paulo

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, atendendo à resolução número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Orientador Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru
2009

Em memória de meu avô, João Francisco, o “vô João”. Sua voz grave e seu carinho ecoarão para sempre dentro de mim.

Agradecimentos

Ao Professor Max pelo apoio, pela competência e pela serenidade e tranquilidade que transmite.

A meus pais, pelo suporte incondicional.

A meu irmão Daniel, por me fazer rir quando quero chorar.

Aos amigos de longa data e aos amigos da faculdade que, apesar do relativo pouco tempo de contato, estabelecemos laços profundos e verdadeiros. Em especial, agradeço aos companheiros de bar e de vida pelos momentos de descontração e união que levarei sempre comigo.

Ao Markito e ao Bulhões, por terem dividido o mesmo teto e aturado minha desorganização por esses anos.

Ao contribuinte público, que mantém a universidade sem muitas vezes nem saber.

Resumo

O advento de uma nova ordem global mediada pelas tecnologias de informação e comunicação pode parecer, a um observador desatento, algo bom ou, no mínimo, neutro. No entanto, os valores decorrentes deste modelo organizacional estão intimamente ligados a interesses políticos, econômicos e ideológicos. Entender a complexidade dessa nova dinâmica em nossas vidas, sem cair nos extremismos da questão, é o desafio a que nos propomos. Para tanto, discutiremos no primeiro a relação entre tecnologia e sociedade desde o advento do alfabeto ocidental. No segundo capítulo apresentaremos os fundamentos da análise do discurso de linha francesa e, no terceiro capítulo, analisaremos os cadernos de informática do mês de agosto de dois grandes jornais impressos brasileiros – Folha e Estado de São Paulo - à luz das teorias da análise do discurso, buscando entender como a construção simbólica de nosso atual contexto se manifesta na forma discursiva do jornalismo.

Palavras-chave: sociedade em rede; tecnologia; análise de discurso.

Sumário

1	Introdução	6
2	Tecnologia e poder: uma íntima ligação	
	2.1 - Afinal, o que é tecnologia?	10
	2.2 - Tecnologias: produtos e processos neutros?	11
	2.3 - O palco ideológico	16
	2.4 - Tecnotratia x tecnofobia – uma questão história	19
	2.5 - NTICs: sociedade da informação e do conhecimento?	22
	2.6 - A transnacionalização das economias – causa ou conseqüência das redes?	25
	2.7 - Novas tecnologias em curso	29
	2.8 - A cultura na Era Digital	33
	2.9 - Apocalípticos e Integrados, de novo?!	38
3	O discurso jornalístico a serviço de quem?	
	3.1 - Pressupostos Analíticos	40
	3.2 - O discurso jornalístico	43
	3.3 - Alguns conceitos-chave da Análise do Discurso	47
	3.4 O papel do analista e a construção do corpus de análise	53
4	Papel da tecnologia e tecnologia no papel	45
	4.1 Apresentação descritiva do material	55
	4.1.1 A Folha de S. Paulo – Caderno Informática	55
	4.1.1.1 Edição de quarta-feira, 5 de agosto de 2009	55
	4.1.1.2 Edição de quarta-feira, 12 de agosto de 2009	57
	4.1.1.3 Edição de quarta-feira, dia 19 de agosto de 2009	59
	4.1.1.4 Edição de quarta-feira, dia 26 de agosto de 2009	61
	4.2.1 O Estado de São Paulo – caderno <i>Link</i>	64
	4.2.1.1 Edição de segunda-feira, dia 3 de agosto de 2009	64
	4.2.2.2 Edição de segunda-feira, dia 10 de agosto de 2009	66
	4.2.2.3 Edição de segunda-feira, dia 24 de agosto de 2009	68
	4.2.2.4 Edição de segunda-feira, dia 31 de agosto de 2009	70
5	Análise	
	5.1 Análise do corpus	73
6	Considerações Finais	89
7	Referências	90

INTRODUÇÃO

“A democracia representativa terminou. Estamos caminhando para a democracia direta, promovida pelas novas tecnologias.”¹ Esta frase caberia muito bem na boca de entusiastas das novas tecnologias, futurólogos diversos, ou mesmo de qualquer usuário encantado com algum aparato tecnológico.

Porém, o grande mérito dessa questão não reside na frase em si, mas sim na figura pela qual ela foi verbalizada. José Sarney, atual presidente do Senado Federal Brasileiro, dinossauro da política e talvez o maior símbolo da permanência e “vitalidade” de nossa democracia representativa.

Há mais de cinquenta anos ocupando cargos políticos de relevância, ‘condutor’ da dita transição democrática, Sarney e sua frase nos vêm de encontro como um soco, um choque e um sintoma.

Num primeiro momento, podemos encarar tal afirmativa como um sintoma de que, se para a figura que mais representa o anacronismo e o marasmo com que a inovação política ocorre em nosso país, a mudança é eminente, realmente ventos novos começam a soprar. Porém, como buscaremos expor ao longo deste trabalho, o depósito excessivo de confiança creditado à mudança política e social por meio das tecnologias, como se estas fossem por si só capazes construir uma nova sociedade, advém de uma construção ideológica, política e cultural. Esse crédito ao poder libertário da tecnologia não é novo, visto que podemos observá-lo em diversos momentos da história e, portanto, tal questão precisa ser analisada com bastante cuidado caso queiramos evitar a simples reprodução do senso comum e de construções míticas, que se buscam naturalizar.

De fato, apesar de atônitos com a velocidade crescente com que as tecnologias nos envolvem - e realmente é inegável a sensação de que nosso mundo ganha novos contornos – não devemos por isso simplesmente assumir essa nova dinâmica de maneira acrítica ou, num outro extremo, refutá-la a qualquer custo.

Apesar de clichê, a ficção científica de décadas atrás, se não foi superada, está cada vez mais se tornando parte de nossa vida cotidiana. Computadores superpotentes, com *softwares* capazes de reconhecer voz – e até de ‘ler’ impulsos neurológicos -, ferramentas de teleconferência e até mesmo a “amedrontadora” holografia avançam a

¹ Frase proferida por José Sarney no programa “Canal Livre”, no dia 12/10/2009.

passos largos. A Internet amplia o número de usuários a cada ano de forma surpreendente, não apenas nos computadores pessoais, notebooks e netbooks, mas também nos pequenos aparelhos de telefone celular que carregamos conosco para todos os cantos. Redes neurais artificiais, cada vez mais próximas da forma de funcionamento neurológica humana, assim como interfaces biônicas cada vez mais aprimoradas, ampliam nosso mundo sensível e psicológico e nos conduzem para novas formas experimentais de se viver e de encarar o mundo. A tecnologia genética, com o mapeamento do genoma humano chegando próximo de sua completude, abre novas possibilidades e questões de cunho filosófico, já que mudam a figura do homem de ‘produto’ da vida para o papel de produtor, de manipulador e criador de organismos vivos.

Apesar de todos estes elementos ainda nos soarem como ficção e de parecerem muito distantes de nossa realidade prática, cotidiana – e realmente ainda o são para a maior parte da humanidade – isto não muda o fato de sua presença e de seu crescimento, talvez ainda silencioso, mas não menos impactante.

Mesmo que tentemos ignorar o fato de que a vida de uma pessoa nascida no final dos anos 80 mudou radicalmente até nossos dias, a presença das novas tecnologias – entendidas como qualquer equipamento eletrônico conectado em rede – se torna inegável, mesmo que não as busquemos de forma ativa.

Queiramos ou não, atos simples como retirar dinheiro num caixa eletrônico, comprar um produto com cartão de crédito ou mesmo utilizar um telefone celular são demonstrativos de como se torna cada vez mais difícil não estar conectado em rede.

Atos menos suspeitos como caminhar na rua também, em alguns lugares, já pode significar estar na rede. Sistemas de vigilância, com câmeras conectadas à internet, conduzem nossas imagens para um novo espaço público, onde queiramos ou não somos observados e classificados. Nossa imagem não é mais nossa, mas agora é domínio público, domínio da rede.

No entanto, ao mesmo tempo em que podemos apontar o desenvolvimento tecnológico como instrumento para a melhoria de alguns aspectos das condições de vida das sociedades contemporâneas, não devemos nos esquecer de que a distribuição e o acesso a essas ferramentas não ocorrem de forma igualitária. E, mesmo que o acesso às novas tecnologias ocorresse de forma distribuída, de maneira alguma poderíamos encarar tal acontecimento como “bom” por si só, como algo positivo pelo simples fato do acesso, visto que, se não podemos restringir as aplicações e implicações das

tecnologias ao serem incorporadas em nosso dia-a-dia, podemos ao menos identificar sob a luz de quais contextos e objetivos elas foram desenvolvidas.

Sendo assim, entender uma tecnologia que a princípio possa nos parecer neutra, como a transmissão televisiva via satélite, por exemplo, demanda uma compreensão ampla do contexto em que foi desenvolvida - a corrida espacial, dentro da corrida armamentista decorrente da guerra fria, a descoberta de novos materiais e novos processos de engenharia são apenas alguns dos impulsos que permitiram o lançamento dos satélites. De forma simplista, podemos inferir, por exemplo, que sem a corrida armamentista, sem o papel organizador determinado de um Estado e das grandes empresas, inseridos numa lógica expansionista de sua influência política e ideológica pelo globo, talvez não tivessem existido as condições, a necessidade ou mesmo a vontade de se desenvolver tal aparato tecnológico.

Partindo dessa lógica, analisar a questão tecnológica se torna uma tarefa que demanda pensamento relacional, múltiplo e aberto para que evitemos cair nos extremos da emoção – ame-a ou deixe-a.

O primeiro passo para nos afastarmos desta dicotomia reducionista é buscarmos entender a questão em sua magnitude, em sua amplitude de implicações e de ressignificações que desencadeia, tanto no nível da consciência individual como nas forças que mantêm a sociedade como tal.

Analisar as implicações tecnológicas em nossas vidas não é tarefa fácil, pois diferentemente do que pensamos, elas não são tão óbvias quanto parecem. Estamos falando de mudanças profundas, estruturais, que modificam não só a maneira como concebemos o mundo, mas também a própria forma como nos sentimos, como nos enxergamos e como somos vistos pelos outros indivíduos e instituições.

Questões culturais e econômicas também têm seus alicerces sacudidos de forma tão abrupta e incisiva, como só em grandes momentos históricos de mudança podemos observar.

Após expormos as teorias e pontos de vista sobre as novas tecnologias da informação, principalmente as conectadas à internet, analisaremos como a ‘questão tecnológica’ é retratada em dois grandes jornais impressos de circulação nacional: a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo.

Através da leitura e análise de matérias veiculadas nos cadernos de informática de ambas as publicações, discutiremos como tais veículos se posicionam frente a este querela, se tratam a questão em sua devida magnitude e implicação em diversos

aspectos fundamentais da sociedade contemporânea, ou se apenas tratam as novas tecnologias de maneira ‘fetichizada’, como meros produtos inovadores bons e desejáveis.

A análise será de cunho interpretativo, baseada na Análise de Discurso de linha Francesa. A opção por tal referencial teórico, como exporemos mais a frente, está de acordo com a lógica deste trabalho, visto que ela nos permite um leque analítico bastante amplo e rico, possibilitando a observação das diversas vozes, explícitas e implícitas presentes no discurso jornalístico sobre as novas tecnologias de informação e comunicação.

CAPÍTULO I - TECNOLOGIA E PODER: UMA ÍNTIMA LIGAÇÃO

2.1 - Afinal, o que é tecnologia?

Apesar de soar como um termo “inocente”, o termo tecnologia é bastante amplo e de difícil delimitação.

Atualmente, ao ouvirmos a palavra tecnologia, quase que automaticamente a associamos com as mais recentes inovações, talvez até tomando de empréstimo um certo “quê” futurístico. Pensamos em robôs, em aeronaves, em computadores etc. No entanto, muitas vezes nos esquecemos de que, de certa forma, qualquer objeto material ou imaterial cunhado pelo homem, assim como o processo físico ou intelectual de manipulação e o processamento desse objeto pode ser considerado tecnologia.

Utilizando a definição dada por Manuel Castells no prólogo do primeiro tomo da trilogia **A Era da Informação – Economia, Sociedade e Cultura**, podemos dizer que: “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 2002, p.43)

Do simples machadinho de pedra confeccionado por um hominídeo ao mais rebuscado processador de dados, ao assumimo-los como sendo processos e produtos originados no seio da sociedade, ambos podem ser classificados como tecnologias.

Indo para além da tecnologia mais perceptível, relacionada a objetos palpáveis (no sentido físico), assim como sugere Derrick De Kerckhove em **A Pele da Cultura**, a invenção do alfabeto talvez tenha sido a mais importante tecnologia humana até a criação da energia elétrica. Segundo Kerckhove:

Uma vez que a literacia é geralmente adquirida durante a formação e já que afecta a organização da linguagem – o mais completo sistema de processamento de informação – há boas razões para suspeitar que o alfabeto também afecta a organização do pensamento. A linguagem é o *software* que conduz a psicologia humana. Qualquer tecnologia que afecte significativamente a linguagem afecta também o comportamento físico, emocional e mentalmente. O alfabeto é como um programa de computador mais poderoso, mais preciso, mais versátil e mais completo do que qualquer *software* escrito até hoje. É um programa desenhado para fazer funcionar o instrumento mais poderoso da natureza: o ser humano. O alfabeto encontrou o seu papel no cérebro: especificar as rotinas que iriam suportar o *software* de funcionamento articulado na *brainframe cerebral* letrada. O alfabeto criou duas revoluções complementares: uma no cérebro, a outra no mundo. (KERCKHOVE, 1997, p. 61)

Observamos, portanto, que a tecnologia está presente em nossas vidas de forma marcante, mais do que geralmente a percebemos.

Outro fator de relevância a ser pontuado é que, assim como no caso do alfabeto, nem sempre a tecnologia está relacionada com a ciência – tal como a conhecemos hoje – podendo aquela surgir apenas da prática, da observação dos fenômenos e do ambiente, e não necessariamente de um processo de estudo sistemático e pesquisa exaustiva.

De acordo com Waldimir Pirró e Longo, “ao longo da humanidade, a ciência e a tecnologia percorreram caminhos durante muito tempo distintos, até tornarem-se praticamente indissociáveis e fator central do progresso.”

Ainda segundo o autor:

O cidadão comum do mundo atual, ainda que mediamente educado, tem incorporado à sua cultura a noção que a geração das modernas tecnologias depende crescentemente de conhecimentos científicos. Alguns chegam ao exagero de acreditar que tecnologia seja o termo usado para exprimir ciência aplicada, o que na realidade não é o correto, pois muitas tecnologias de sucesso ainda são geradas pelo empirismo e pela intuição. Sabato costumava dar como exemplo o “*container*”, uma das tecnologias de maior impacto no setor de transportes nas últimas décadas, cuja criação nada deveu a conhecimentos científicos, mas tão somente à intuição e ao perfeito conhecimento dos problemas relacionados com os transportes, de uma maneira geral, e aos equipamentos então em uso. (LONGO, 1989, p.2)

Dessa forma, evidenciamos o percurso da geração de sentido que é operado através da palavra, onde conceitos tomados como naturais – que se pretendem ser encarados como os únicos possíveis – são cristalizados por meio de um processo ideológico.

2.2 Tecnologias: produtos e processos neutros?

“A tecnologia não é nem boa nem ruim, mas também não é neutra.”² (apud CASTELLS,2002, p.113)

² KRANZBERG, M. **The information age: evolution or revolution?** In Bruce R. Guile (org.), Information Technologies and Social Transformation, Washington , D.C: National Academy of Engineering.

A frase exposta acima tem enorme poder de síntese, pois, a partir dela, conseguimos obter algumas linhas mestras que nortearão o nosso debate sobre as tecnologias. Ao considerar que as tecnologias não são boas ou ruins – fato ao qual poder-se-ia atribuir um sinal de neutralidade – e logo em seguida negar essa neutralidade, a frase evidencia o papel do **contexto** em todo o processo de criação tecnológica. Contextualizar as tecnologias é voltar à definição dada por Castells que apresentamos anteriormente, é dizer que elas só puderam se desenvolver e tomar a forma como as concebemos devido à sociedade. Ou seja, os fatores que permitem que determinada tecnologia surja e receba determinado uso e forma são, assim como a sociedade, bastante complexos e inter-relacionados, indo desde o seu período histórico até aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e ideológicos.

Usemos o exemplo hipotético de como o poder do contexto pode ser manifesto através da idéia do desenvolvimento da tecnologia “cadeira”.

Imaginemos uma cadeira qualquer. Essa primeira imagem que vem à nossa mente, assim como a própria cadeira hipotética já foram “filtrados” por todos os fatores expostos acima. Isso quer dizer: podemos imaginar uma cadeira de diversas formas, com encostos altos, baixos; feita de diversos materiais: madeira, ferro, plástico; com ou sem estofamento. Podemos concebê-la fixa a um determinado local, ou talvez, com rodinhas, ou mesmo com assento giratório. Enfim, inúmeras configurações.

A forma como a cadeira será montada está condicionada pelo contexto pois, desde os aspectos mais óbvios, como por exemplo a disponibilidade dos materiais do lugar e da época – não será possível construir uma cadeira de plástico sem que o petróleo tenha sido descoberto, esteja disponível, seja atribuído um uso a ele, seja considerado como matéria-prima, e sem que todo seu processo industrial de refino seja dominado – até aspectos mais complexos, de nível cultural, interferirão no seu desenvolvimento. O próprio fato da cadeira vir a ser inventada ou não está relacionada ao contexto. Pensemos, por exemplo, em dois grupos humanos distintos: um grupo nômade, onde seus membros locomovem-se constantemente em busca de novos ambientes para explorarem e um grupo sedentário.

O primeiro grupo, por se locomover constantemente, carrega em suas mudanças o mínimo de objetos possíveis. Não seria mais fácil, ao invés de construir uma cadeira – que teria que ser carregada pelo grupo ou então abandonada a cada locomoção – que este grupo se sentasse no chão, ou criasse uma espécie de estofamento, mais leve e que

poderia melhorar o contato do corpo com o chão? Será que neste grupo ou numa sociedade sedentária a tecnologia da cadeira teria mais condições de ser desenvolvida?

Apesar de ingênua, essa metáfora nos ajuda a ver a tecnologia como um processo condicionado e não como um fator independente, que existe por si só.

Ainda segundo Castells, já pensando em sociedades organizadas em torno de um Estado, também podemos atribuir a esta forma de organização (Estatal) o potencial de determinar e modelar os rumos pelos quais o desenvolvimento tecnológico seguirá ou não, ou até mesmo se buscará esse desenvolvimento ou preferirá manter-se o mais estático possível. Discutiremos mais à frente o papel do Estado na formação e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet, elucidando como o governo, principalmente através de financiamentos oriundos do setor militar, propiciou o contexto adequado para essa “revolução tecnológica.”

Atemo-nos agora ao exemplo da China. Segundo Castells, o país sempre esteve à frente dos outros povos no quesito tecnológico, sempre desenvolveu os processos e ferramentas que seriam disseminados mundo a fora muito antes que fossem pensados em qualquer outro canto, mesmo antes do Renascimento europeu (por volta de 1400).

Foi na China que se desenvolveram os altos-fornos que permitiram a fundição do ferro (200 a.C), a clepsidra (1086 d.c) - “superando a precisão da medida dos relógios europeus da mesma época”, o arado de ferro (séc. VI). Eles também inventaram a pólvora e “uma indústria química capaz de fornecer poderosos explosivos”, a besta (arma que atira flechas) muito antes que os europeus, a acupuntura etc. “E, claro, a primeira revolução no processamento da informação foi chinesa: o papel e a imprensa foram inventados na China.” (CASTELLS, 2002 p. 45)

O intrigante é observarmos que, apesar de ter sido por um enorme período de tempo a potência tecnológica do mundo, a China veio a cair numa profunda estagnação de seu desenvolvimento e inovação tecnológica, perdendo sua supremacia para a Europa da Revolução Industrial.

A explicação que se torna mais plausível para esse desdobramento histórico é a de que, na China – assim como em todo o restante do mundo – o Estado possui papel fundamental no impulso de desenvolvimento tecnológico. O autor aponta a burocracia estatal instalada no poder, “graças a um período mais longo que o usual de dominação incontestada” (Ibidem, pg. 46) como a responsável pela estagnação chinesa:

O que importa a nossa pesquisa são dois ensinamentos dessa experiência fundamental da interrupção do desenvolvimento tecnológico: de um lado, o Estado pode ser, e sempre foi ao longo da história, na China e em outros países, a principal força de inovação tecnológica; de outro, exatamente por isso, quando o Estado afasta totalmente seus interesses do desenvolvimento tecnológico ou se torna incapaz de promovê-lo sob novas condições, um modelo estatista de inovação leva à estagnação por causa da esterilização da energia inovadora autônoma da sociedade para criar e aplicar tecnologia. (CASTELLS, 2002, p.47)

Voltando à Kerckhove, destacaremos novamente o papel do alfabeto grego para o “condicionamento” da forma como enxergamos o mundo. Pensando-o como uma tecnologia, o alfabeto, segundo o autor – que nos apresenta a pesquisa de Denise Schmandt-Besserat, - teve seu início com os sumérios (3.000 a.C.), junto com os primeiros sistemas de representação monetária. Sim, o alfabeto como o conhecemos, de acordo com esses estudos, derivou de um sistema pictórico de representação de valores e quantidades representados em placas de dinheiro.

Muitas das formas estilizadas mais simples que se encontravam nas placas de dinheiro podiam também ser encontradas entre os primeiros exemplares de escrita suméricos. Escritos que sobrevivem até hoje. Em resumo, juntando milhares de anos, foi isto que aconteceu:

1. A invenção das placas estabeleceu a fórmula, o meio e os princípios do processo de simbolizar coisas reais através de marcas.
2. O uso das placas revelou que se podia estabelecer um sistema de comunicação fiável e universal, aceite por todos os membros da mesma cultura
3. O número de transacções permitido por este sistema era ilimitado. A quantidade de bens e serviços permitida por este sistema simbólico estava apenas limitada pela imaginação dos desenhadores.
4. Deve ter ocorrido aos utilizadores que, se os objectos podiam ser representados desta forma, então a linguagem também podia – apesar do carácter rudimentar dos códigos pictográficos desenvolvidos pelos sumérios. (KERCKHOVE, 1997, p.57)

Assim como a representação de valor monetário condicionou o surgimento do alfabeto, o próprio alfabeto também alterou a forma como nós enxergamos o mundo e, provavelmente, também teve papel importante na base do pensamento que nos conduziu até o atual momento tecnológico. Observamos mais uma vez o papel do contexto no condicionamento – o contexto social, cultural e político de uma era, de um período

histórico, não influencia somente o seu tempo “presente”, mas também condiciona inevitavelmente o(s) contexto(s) que o seguirão.

Segundo Kerckhove, a formação de um alfabeto com letras individuais que somente ordenadas possuem sentido (greco-romano), diferentemente de um alfabeto onde existem símbolos que têm de ser interpretados em um determinado contexto (ex: ideogramas japonês-chinês), “enquadra o nosso cérebro.”

De acordo com estudos do autor, a forma como nosso sistema alfabético é concebido, ativa uma determinada metade do cérebro. O lado esquerdo do cérebro teria a capacidade de perceber as seqüências de forma mais rápida que a metade direita, que seria mais capacitada para perceber as formas, as figuras. Dessa forma, já que o nosso campo visual é oposto ao lado que ativamos do cérebro – ao olharmos para a direita ativamos nossa metade esquerda do cérebro -, o próprio sentido de nossa leitura, se lemos da esquerda para a direita ou vice-versa, também está condicionada pelo alfabeto. Portanto, o alfabeto greco-romano, por ser formado por seqüências de letras e palavras (ativa o lado esquerdo do cérebro), favorece um sistema de leitura da esquerda para a direita.

Para um reconhecimento instantâneo de uma superfície inteira o campo esquerdo de visão funciona melhor e mais rapidamente que o da direita. Por outro lado, quando se lê holandês ou inglês, tem de ver-se primeiro a ordem das letras, uma após outra: uma tarefa realizada melhor pelo campo direito de visão. É por isso que o nosso alfabeto, um sistema linear, seqüencial de informação codificada, se escreve para a direita. (KERCKHOV, 1997, p. 63)

Ainda segundo Kerckhov, a leitura da esquerda para a direita, condicionada pelo alfabeto, altera nossa forma de ver o mundo, pois introduz a **visão em perspectiva**. Para ele, a visão em perspectiva é peculiar das civilizações que se utilizam dessa forma de leitura, já que a noção de perspectiva é ausente nas culturas egípcia (pictogramas), chinesa (ideograma), africanas (predominância oral) e mesmo durante a Idade Média (período de baixíssima alfabetização). Mesmo nós, quando ainda crianças, antes de sermos alfabetizados, ignorávamos a noção de perspectiva.

Ela só é fortemente disseminada em nosso mundo na Grécia Antiga e durante o Renascimento, períodos de forte alfabetização da sociedade.

Através do uso da perspectiva, a moldura cerebral manipulou as duas coordenadas dominantes da realidade, o tempo e o espaço, e fê-las parar. Tal como a visão natural divide a tarefa entre ver um objecto e analisá-lo, a perspectiva, como estratégia visual, permitiu à nossa cultura segurar o mundo no espaço e analisá-lo no tempo. (KERCKHOVE, 1997, p. 67)

Os exemplos supracitados servem para corroborar com a idéia de que a tecnologia não é nula, que ela nos diz muito sobre o local em que se desenvolveu, sobre a conjuntura política, social e cultural que permitiu que determinada ferramenta ou processo pudesse ocorrer.

Sabendo disto, não é difícil imaginarmos como as diversas correntes teóricas e ideológicas se debatem para determinar o caráter das tecnologias, tanto em sua história passada como em seu atual momento de estruturação.

2.3 O palco ideológico

É praticamente impossível, ao pensarmos em tecnologias, não as associarmos com desenvolvimento, com progresso. Sempre que uma nova tecnologia surge, logo a colocamos como um produto e uma alavanca do desenvolvimento, como se tivéssemos atingido um novo patamar de melhorias, superando uma fase passada.

Porém, essa própria representação simbólica do papel da tecnologia, também é condicionada. Podemos até mesmo dizer que é uma representação mítica: o mito tecnológico.

Não nos aprofundaremos na definição do que é mito, mas nos apoiando nas acepções de Barthes³, podemos dizer que o mito é um conjunto de crenças e valores, de grandes narrativas construídas no seio de determinada sociedade, por determinado grupo, que buscam se naturalizar. Ou seja, uma crença ou suposição criada por um grupo é tomada como fato irrevogável, como uma invariável.

Assim, ao relacionarmos a tecnologia com o conceito de mito, voltamos a afirmar que esta não é de forma alguma neutra, mas sim que seus usos e suas representações num imaginário coletivo foram criados por um determinado grupo.

³ BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1985

Talvez até aí todos concordem – a tecnologia e suas representações subjacentes foram cunhadas por um grupo – porém, delimitar que grupo foi esse é que se torna o ponto mais controverso.

Alguns dirão que as tecnologias foram criadas de acordo com uma cultura, atribuindo-a uma característica plana, uniforme, como se todos os seus membros pensassem da mesma forma e assumissem as representações por vontade própria. A “cultura” ou a “sociedade” seria encarada como um grupo equânime.

Outro ponto de abordagem já dirá que as tecnologias foram concebidas a serviço de uma pequena parcela de determinada sociedade, desenvolvidos por e para uma elite, seja econômica, intelectual, burocrática etc. Daí, todas as representações e funções das tecnologias seriam manipuladas por esta elite para se perpetuar no poder.

Outros também atribuirão o desenvolvimento tecnológico ao empreendedorismo e genialidade de indivíduos isolados, iluminados – como se um grupo seletivo de seres esclarecidos simplesmente “parissem” uma idéia. Para estes, a adoção de determinada tecnologia poderia ocorrer em qualquer lugar, em qualquer cultura, como se fatores específicos tivessem pouca importância.

Como afirma Gilberto Dupas (2007) em artigo com o mesmo título de seu livro, **O mito do progresso**, a idéia de que caminhamos para um progresso inegável, de que estamos em constante evolução, tem suas bases no Darwinismo, onde passamos a pensar a espécie humana como uma evolução do macaco, evidenciando a trajetória do constante progresso e aprimoramentos.

O que definitivamente consolidou a idéia contemporânea de progresso foi a revolução provocada por Darwin com sua *Origem das espécies*, publicada após muita hesitação em 1859. Galileu já havia abalado definitivamente a idéia narcisista e onipotente da Terra e do homem como centros do universo. Agora, mais uma degradação: o homem seria uma criação original de Deus, mas teria evoluído a partir do macaco; e só prometia um eventual futuro melhor por meio da evolução. A partir daí, e até um pouco antes do início da Segunda Guerra, o mundo produziu uma vasta literatura em ciência social em que *progresso* era sempre suposto como axioma. A idéia de progresso permeou a quase totalidade da obra de Hegel, estruturada sobre a dialética. Finalmente, Marx também acreditou profundamente no progresso histórico e inexorável da humanidade. (DUPAS, 2007, p.2)

Como tentamos expor anteriormente, acreditamos que as tecnologias talvez sejam uma combinação de todos os fatores supracitados, ou seja, a junção de um

determinado “caldo cultural” - historicamente construído e que de certa forma consegue delimitar um grupo, diferenciando-o de outro agrupamento – juntamente com as pessoas certas, que por alguns motivos individuais e coletivos conseguiram propor uma inovação, aliado a certos interesses de uma tendência dominante – seja econômica, política, ideológica etc.

No entanto, também não podemos recair num neutralismo, num determinismo tecnológico, dando “peso” igual a todos os fatores envolvidos no desenvolvimento tecnológico.

Observando o desenvolvimento das tecnologias e a sua incorporação, atribuição de sentido, de valores e de usos, assim como a sua disseminação no capitalismo, Valério Cruz Britos nos diz que:

É na interação da tecnologia com as forças econômicas, o Estado e os usuários que se dará sua configuração, atualizando seu potencial em inovação, o que em geral ocorre em consonância com a forma predominante de organização social, atendendo a preceitos industriais e a processos globalmente imitativos. Se a sociedade rege-se pelas leis do capitalismo, é pouco provável que o uso principal da tecnologia seja em outro rumo; a tendência é o controle da inovação por empresas privadas, que implementarão ações para atraírem clientes. A questão da tecnologia e sua vinculação econômico-social deve ser refletida levando-se em conta não somente o financiamento, a concepção e o desenvolvimento da pesquisa que conduz à inovação, mas a regulação e sua apropriação pelo contexto, que em regra acaba direcionando a um aproveitamento em conformidade com a racionalidade empresarial. O uso comercial ganha um valor supremo, primeiro a ser perseguido, sendo a tecnologia, suas aplicações e seus usuários fetichizados, seguindo a regra capitalista. (BRITTOS, 2002, p. 11)

Ainda nessa linha, em artigo escrito por Henrique Novaes e Renato Dagnino, analisando principalmente a obra do autor marxista Andrew Feenberg, observamos que: “As decisões e escolhas tecnológicas não são guiadas por critérios técnicos, mas incorporam os valores do capitalismo e fortalecem a acumulação do capital.” (2004, p18)

2.4 Tecnotratia x Tecnofobia – uma questão história

O surgimento de uma nova tecnologia, geralmente quando esta altera de forma substancial determinado modo organizacional enraizado em uma sociedade, desencadeia uma série de posicionamentos antagônicos, mas que geralmente assumem, grosso modo, uma característica dual de aceitação/repulsão, assimilação/rejeição, amor/ódio etc.

Esse processo pôde ser observado nitidamente ao longo da história, em diversos momentos e contextos diferentes e, como não poderia deixar de ser, ainda se mantém vivo em nossos dias.

Podemos inferir que tais posicionamentos são previsíveis, “naturais” do comportamento humano, pois, ao nos depararmos com algo novo, ou somos tomados por uma euforia “cega”, que nos impede a análise do objeto sob vários matizes, aceitando-o de antemão, ou nos enchemos de receios e medos em relação ao desconhecido, ao diferente, negando-o e refutando-o.

Talvez um dos melhores e mais batidos exemplos em nossa história recente desse comportamento humano seja o movimento ludista. Nascido no seio da Revolução Industrial inglesa, o movimento pregava a destruição das novas máquinas que se disseminavam por todo o país. Se num primeiro momento o ludismo nos soa como uma revolta gerada unicamente pelo medo do novo – e talvez até tenha sido essa a sua primeira motivação -, num segundo momento ele se estrutura e ganha contornos de um “proto-sindicalismo”, um movimento organizado pelos trabalhadores para recuperar as condições trabalhistas alteradas pela implementação do maquinário.

A dupla face utópica (paradisíaca) e distópica (apocalíptica) da tecnologia é central para entendermos os dilemas que cada vez mais enfrentaremos. Por um lado, encontramos formulações utópicas apoiadas na maravilha que se levanta da ampliação das qualidades e ações humanas. A **tecnotopia**, caudatária da ideologia do progresso e de uma visão evolutiva da história da tecnologia (especialmente a partir da Revolução Industrial), é hegemônica e, neste momento de crises de utopias, é, em larga medida, o grande metarrelato salvífico do mundo contemporâneo. Por outro lado, estão discursos distópicos apoiados no terror às forças destrutoras desencadeadas por diversas invenções (controladas por grupos específicos) ou no temor à punição provocada pela manipulação radical da natureza. A **tecnofobia**, marcada pela desigualdade da distribuição sócio-política-econômica do acesso à tecnologia e por um imaginário onde coabitam discursos alternativos ou cosmologias mágico-religiosas com seus demiurgos, é, em geral, relegada a um segundo plano, mas, ocasionalmente,

sobretudo quando o homem parece querer brincar de Deus, reúne energias com poder normativo e regulatório. (grifo do autor) (RIBEIRO, 1999, p.3)

Outro exemplo desse tipo de comportamento é trazido por Bento Duarte da Silva (1999) em **Questionar os fundamentalismos tecnológicos: tecnofobia versus tecnolatria**. Ao tratar da difusão da escrita na Grécia Antiga, o autor observa que Platão em Fedro, nos diz que essa forma de expressão seria demasiadamente “fechada”, sendo incapaz de traduzir a completude dos sentimentos humanos, formatando e reduzindo o pensamento. Além disso, Platão acreditava que a escrita deterioraria a memória dos indivíduos, já que não precisaríamos recorrer a ela a todo momento.

Bento Duarte também nos traz importante relato de como a Igreja Católica reagiu ao surgimento de duas outras tecnologias de informação e comunicação: a imprensa e o cinema.

Apesar de um pouco extensa, a passagem é bastante válida e tomaremos a liberdade de reproduzi-la neste espaço:

Sobre a imprensa e o sentido do direito da liberdade de imprensa para publicar livros e jornais, a Encíclica *Christianae reipublicae*, de 1766, comparava o aumento da edição a “uma peste contagiosa”, exortando os católicos “a combater resolivelmente o flagelo mortal de tantos livros” (Médiathec, 1990: 18). A liberdade de imprensa era considerada, em 1791, por Pio VI, como um “direito monstruoso”. Porém, um século depois, vamos já encontrar posições encíclicas de alguma mudança, considerando-se que a Igreja devia utilizar os *media* para melhor se fazer compreender, distinguindo entre liberdade e libertinagem. (...)

Sobre o cinema, as posições tomadas são em tudo idênticas às já referidas sobre a imprensa. O primeiro texto da igreja romana sobre o cinema decretava que não deveria haver sotasinas nas salas: “recomendamos em nome do Santo Padre que o clero deve privar-se das salas públicas. E nós solicitamos em particular aos eclesiásticos para não assistirem aos espetáculos que passam nos cinemas públicos de Roma”. Porém, se na maioria dos documentos da década de 20, o cinema era visto como “imaterial e sedutor”, “ecrã das paixões cupidíneas”, já em 1936, na Encíclica *Vigilanti cura*, pio XI considerava que pelo passar do tempo, “o cinema tinha-se tornado uma instituição e, tal como outrora se disse, a propósito da imprensa, faço uma análise moral: há “maus” filmes como há “maus” livros”. Para além desta análise moral, o papa concebia o cinema como uma linguagem da imagem com força para falar às massas, de tal forma que em 1948, o papa Pio XII colocava a questão de utilizar o cinema no ensino da catequese, passando a entrar em diversos circuitos paroquiais. Também a televisão – fenómeno comunicativo recente –

passava a ser considerada como uma “descoberta genial que vem na sua hora para pregar o Evangelho a toda a criatura”
(SILVA, 1999, p.5)

Outro exemplo interessante é apresentado por Mattelart sobre a apropriação dos novos meios de comunicação, como o cinema, a fotografia e o rádio, amplamente difundidos no período pós Primeira Guerra.

Nesse período de excepcional efervescência, enxameiam igualmente as tentativas de apropriação social das novas técnicas de comunicação (cinema, fotografia e rádio). Enquanto os partidos operários, em inúmeros lugares, se mostram extremamente desconfiados em relação ao cinema (na Suíça, os sociais-democratas chegaram mesmo a propor o boicote dessa forma frívola de distração que desvia os operários das tarefas de educação), o alemão Willi Münzenberg publica *Erobert den Film!* (Avancem à conquista do cinema): não se contenta em fazer circular filmes, mas ajuda os trabalhadores a produzir suas próprias fitas e, no prosseguimento de sua ação, repete essa experiência com a fotografia, ao criar uma rede de trabalhadores-fotógrafos.”
(MATTELART, 2001, p. 68)

Nestes mesmos termos antagônicos, teconofobia x tecnolatria, também podemos pensar o choque entre culturas muito diferentes. Pensemos nas diversas tribos brasileiras que, ao longo da história do país, foram obrigadas a se posicionar frente a um contexto cultural, social e tecnológico completamente diferente do que estavam acostumadas.

Dentro das próprias tribos muitas vezes presenciamos uma ruptura. Alguns membros, geralmente os mais novos, são mais facilmente atraídos pelas tecnologias do homem branco como, por exemplo, a televisão. Já membros mais velhos, muitas vezes consideram essas tecnologias como pragas, como porcarias que só servem para destruir sua cultura ancestral.

Trataremos dessa questão em maior profundidade mais à frente, quando analisaremos o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação, fundamentalmente a questão das identidades culturais locais dentro da rede (internet).

2.5 NTICs: sociedade da informação e do conhecimento?

Após termos apresentado as linhas gerais, os principais conceitos e debates que envolvem a questão tecnológica, passaremos agora, mais precisamente para o alvo de nossa análise: as novas tecnologias da informação e comunicação.

Entendemos por NTICs as ferramentas e métodos que, através da digitalização, possibilitam a convergência cada vez maior entre diversas mídias e plataformas. Podemos incluir nesta definição uma série de aparelhos e mecanismos, desde uma máquina fotográfica digital até a própria internet e, se também quisermos, podemos incluir as novas técnicas de manipulação genética que, cada vez mais caminham para a superação da barreira entre o orgânico e o inorgânico.

A grande diferença das NTICs para as tecnologias anteriormente produzidas é que, assim como dissemos acima, elas possuem uma linguagem comum, o código binário. Ao estabelecer uma linguagem padrão para todas as ferramentas, independentemente de suas funções e tarefas que irão cumprir, a comunicação entre os diversos aparelhos fica livre de todas as amarras.

Ao se reduzir tudo a um código binário de 0 e 1, abre-se a possibilidade de uma interligação, uma conectividade entre aparelhos, lugares e pessoas nunca antes experimentada, e isto não é pouca coisa.

Novamente, com a emergência de uma nova conjuntura tecnológica, os debates sobre o caráter dos impactos advindos de sua disseminação na sociedade ganham forte impulso.

Inclusive devido a estes embates, uma série de nomenclaturas surge para tentar designar este momento histórico. Todos os nomes usados, obviamente, refletem um ponto de vista e um viés analítico específico e, assim como as próprias tecnologias em si, não podem ser considerados neutros.

Dentre as nomenclaturas mais comuns encontramos: sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade em rede, pós-industrialismo, pós-humano, capitalismo tecnocientífico, capitalismo gestor etc.

Castells considera o atual momento em que vivemos como um período de ruptura, um período revolucionário. Porém, nos alerta para o fato do jogo ideológico e discursivo que turva a nossa visão sobre o momento e que pode nos impedir de enxergar seu real impacto:

O exagero profético e a manipulação ideológica que caracteriza a maior parte dos discursos sobre a revolução da tecnologia e da informação não deveria levar-nos a cometer o erro de subestimar sua importância verdadeiramente fundamental. Esse é, como este livro tentará mostrar, no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. (CASTELLS, 2002, p.68)

Ainda segundo o autor, as tecnologias da informação, processamento e comunicação, tem sua importância comparada com a das fontes de energia durante a revolução industrial. Para ele, somente com o advento da energia elétrica é que os produtos tecnológicos puderam ser ampliados e desenvolvidos. Posteriormente, devido à amplificação dos conhecimentos é que foi possível a inovação tecnológica, gerando microdesenvolvimentos, tecnologias específicas, mas que somente puderam ser criadas mediante o desenvolvimento da energia elétrica.

Portanto, para Castells, o que caracteriza nosso atual momento histórico não é a centralidade da informação em si, mas sim a aplicação dessa informação no sentido de gerar novos conhecimentos, originando “um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, p.69)

Tendo como pano de fundo o crescente fluxo informacional, Valério Cruz Britos aponta para a construção de um grande relato, instaurando no um senso comum sobre o novo contexto para o qual caminhamos, onde impera a idéia triunfalista da informação.

A idéia de que, a partir da informação, desde os anos 80 foi gerada e realizada – integralmente nos países centrais e ainda em curso nos mais atrasados, como o Brasil – uma revolução disseminou-se paulatinamente, chegou ao senso comum e consensualmente passou a ser utilizada de forma quase que generalizada. Mais indiscriminada é ainda a noção decorrente de que a referida revolução gerou uma sociedade da informação, que é apropriada acriticamente e incorporou-se aos discursos não só conversadores. “As transformações registradas e anunciadas no terreno das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), nas duas últimas décadas do século XX, foram penetrando o consciente coletivo com a idéia de fundo que nos encontramos ante” um novo modelo de revolução, cuja culminação será o erguimento de um mundo novo. Para sustentar esta concepção, antes de tudo subjaz um entendimento de que a tecnologia funciona descolada da sociedade e, principalmente, do processo de acumulação econômica no qual está inserida, por isso mudando o eixo histórico. (BRITTOS, 2002, p. 6)

No entanto, apesar de sabermos da força dos relatos e da terminologia para designar o atual período histórico, o fato é que não podemos negar as diversas mudanças que se operam nas mais diversas esferas da vida. Como já pontuamos na introdução deste trabalho, as novas tecnologias da informação e comunicação alteraram de forma significativa a dinâmica da economia global – tanto pensada na sua totalidade como nas especificidades de cada Estado – aumentando os fluxos transnacionais de capitais num claro movimento de dissociação entre estes e a economia real; colocam em cheque as identidades e culturas nacionais, amplificando-as e deparando-as com formas diferentes de se conceber o mundo; alteram, em última instância, nossa psique, nossa forma de nos posicionarmos como indivíduos dentro de uma sociedade e até mesmo da maneira de encarar o tempo e o espaço. Entretanto, buscar entender como ocorrem essas mudanças é que se torna o ponto central para avançarmos qualitativamente neste debate. Pierre Levy (1998) acredita que as novas tecnologias⁴ em geral possuem, em potência, capacidade para criar uma nova concepção do ser humano, permitindo alterações profundas na forma de se enxergar no mundo e de interagir com o outro, ou seja, uma alteração do espaço antropológico⁵. Para o autor, a disseminação das redes permitiria a emergência de uma “inteligência coletiva” que, em última instância, possibilitaria uma horizontalidade entre todos os seus membros, onde todo o conhecimento seria construído em conjunto, sendo que todos estariam em pé de igualdade para se expressar. Nesse sentido, ele preconiza uma reinvenção do humano, uma nova “engenharia do laço social”, a fim de valorizar o conhecimento do outro, aprendendo a dialogar com o diferente.

Como o próprio Pierre Levy assume, ele se arrisca neste livro a defender uma utopia. No entanto, ao longo de sua tese, percebemos diversos elementos que

⁴ O autor faz uma distinção entre as “tecnologias molares” das “tecnologias moleculares”. As primeiras seriam operações genéricas, de grande porte, como por exemplo os procedimentos físico-químicos operados em larga escala para se separar diversos elementos. Já as segundas permitiriam, assim como expresso em seu nome, uma operação ao nível das moléculas, das estruturas mínimas constitutivas de qualquer elemento e, dessa forma, permitiriam interferências extremamente precisas. Ele cita como exemplos os nanocomputadores, nanocaptadores, nanorobôs etc. (LEVY, 1998, p. 50-57)

⁵ Levy apresenta quatro espaços antropológicos distintos: o espaço da **Terra** (o homem faz parte do grande “caosmos” e se constrói a partir dessa noção do todo), do **Território** (o fim do nomadismo cria novas formas de identificação, delimitando espaços e estabelecendo hierarquias e pirâmides sociais), das **Mercadorias** (surgida com o mercantilismo, pressupõe a livre circulação da produção, não reconhece as fronteiras físicas e gera uma descentralização. É caracterizada pela velocidade) e o espaço do **Saber** (é o local da “inteligência coletiva”). Representa a libertação total do pensamento e a constituição de uma sociedade auto-organizada, sem burocracia e em constante reformulação). No entanto, os espaços antropológicos co-existem. “Em farrapos, rasgados, amassados, furados, retorcidos de maneira inextricável uns sobre os outros, a Terra, o Território, o Capital e o Espaço virtual do saber coexistem em toda parte, diferentemente.” (LEVY, 1998, p. 130)

evidenciam sua grande euforia e distanciamento crítico em relação às imbricações entre a tecnologia e o poder, depositando na técnica um papel demasiadamente libertário, capaz de recriar a “ágora grega” e viabilizar uma democracia direta.

Apesar de ter sido utilizado amplamente neste trabalho, Derrick de Kerckhove, também constrói um discurso onde a técnica se mostra bastante sedutora e capaz de inúmeros feitos positivos para o desenvolvimento pleno da humanidade, recorrendo até mesmo ao conceito de “inteligência coletiva” de Levy.

A realidade virtual seria, para ele, uma dessas grandes benesses, pois permitiria ao ser humano se comunicar não apenas pela fala e pelas imagens, mas também pelo tato, pelo sensível, compartilhando suas sensações corpóreas mais íntimas com outros indivíduos e, dessa forma elevando a capacidade de comunicação humana a um patamar antes inimaginado.

No entanto, sua visão de caráter redentora não desmerece suas considerações referentes ao processo de desenvolvimento da linguagem e do alfabeto como importantes ferramentas operatórias da mente ocidental.

Se para Castells as novas tecnologias da informação e comunicação apresentam um ponto de ruptura, são revolucionárias, ele toma um cuidado extra, diferentemente de Levy e Kerckhove, de buscar elencar as diversas condicionantes e entraves desse processo.

2.6 A transnacionalização das economias – causa ou consequência das redes?

Talvez a faceta mais evidente da dita revolução informacional seja a transnacionalização das economias ao redor do globo. Observamos, principalmente a partir da década de 1980, um movimento iniciado nos países desenvolvidos de dissociação cada vez maior do Estado frente à gestão da economia. O movimento conhecido como neoliberalismo pressupõe como doutrina máxima a livre circulação de mercadorias, atribuindo às leis do mercado o papel regulatório das economias.

A figura do Estado como instituição promotora e reguladora do bem-estar-social é substituída pela “livre-concorrência” e pelas leis de oferta e procura. Tudo o que é passível de comercialização – desde bens materiais a saúde e educação – é transferido dos domínios do Estado para a mão das empresas. Ao redor do mundo explodem as privatizações de empresas antes estatais, evidenciando a supressão das fronteiras físicas anteriormente estabelecidas.

Segundo Manuel Castells, essa fase da economia global se diferencia das outras, pois é informacional, global e em rede:

Uma nova economia surgiu em escala global no último quartel do século XX. Chamo-a de informacional, global e em rede para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação. É *informacional* porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (seja empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É *rede* porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais. Essa nova economia surgiu no último quartel do século XX porque a revolução da tecnologia da informação forneceu uma base material indispensável para a sua criação. (CASTELLS, 2002, p.119)

Armand Mattelart também concorda que as redes informacionais, voltadas para a logística das transações globais, crescem de forma estrondosa. A dita globalização do mundo pressupõe a suplementação das barreiras que impedem o fluxo informacional, pois todas as partes do sistema alimentam e são alimentadas pela rede. Se a informação não flui, o sistema trava. No entanto, vale ressaltar o cuidado tomado por Mattelart com a terminologia difundida aos quatro cantos sobre o atual momento das sociedades modernas contemporâneas:

“Dar nome errado às coisas torna o mundo mais infeliz”, costumava dizer Albert Camus. A globalização é uma destas expressões insidiosas a integrar o jargão das noções instrumentais que, em virtude das lógicas mercantis e à revelia dos cidadãos, adquiriram direito de cidadania a ponto de tornar-se indispensáveis para a comunicação entre pessoas de culturas diversas. Esta linguagem funcional constitui um prêt-à-portr ideológico que mascara os desvios da nova ordem mundial. Também é hora de distinguir entre o que é mitologia globalista e o que é realidade concreta no atual momento de integração internacional. Contrastando com a visão economista de um mundo unificado pelo livre comércio, surge a ruptura entre sistemas sociais específicos e um campo econômico unificado, entre culturas singulares e forças centralizadoras da “cultura global”. (MATTELART, 2002, p.149)

É interessante ponderarmos que, diferentemente de Castells – que acredita que estamos vivendo uma revolução só comparada à Revolução Industrial -, Mattelart nos traz uma idéia de continuísmo, de que essa nova fase do capitalismo teve suas bases lançadas muito antes da invenção do microprocessador e da internet.

Para ele, a internacionalização da comunicação é filha de dois universalismos: o Iluminismo e o Liberalismo. Mattelart acredita que o mito da comunicação redentora, encarada como entidade capaz de emancipar a humanidade, teve suas bases no mito do progresso, fruto das revoluções burguesas.

Um exemplo desse início do internacionalismo, dessa determinação em se criar um mundo interconectado, foi a adoção da língua francesa como língua universal. O francês substituiu o latim no século XVII, juntamente com o surgimento do Estado moderno.

Desde aquele tempo, mediante as proclamadas possibilidades da comunicação universal, acreditava-se que, com a adoção de uma língua comum a todos, seria possível recriar uma “ágora grega”. Ou seja, um ambiente onde todos conseguissem expor suas idéias a todos os membros da comunidade e, dessa forma, tomar todas as decisões políticas coletivamente.

Mattelart busca nos mostrar que o processo de internacionalização, desde o surgimento do Estado moderno, teve sempre o controle da “rede” como seu fio condutor. O surgimento do telégrafo mecânico (1794), ainda durante a Revolução Francesa – inicialmente de uso exclusivo dos militares – permitia a comunicação quase que instantânea entre os diversos postos militares, criando e demonstrando o novo potencial comunicacional das redes.

Com o surgimento do telégrafo elétrico, em 1837, a demonstrabilidade efetiva da comunicação instantânea antes impensada, tanto nacional quanto internacionalmente, faz com que novas questões sobre a regulamentação e normatização das transmissões telegráficas sejam projetadas.

Em resposta a essas questões, no ano de 1872 é realizada a Conferência Internacional Telegráfica, que se tornaria a UTI – União Telegráfica Internacional, considerada como a primeira instituição internacional regulamentadora de uma rede de comunicação.

Destinada a resolver problemas que somente podem ser solucionados transcendendo-se as fronteiras do Estado Nacional ele prefigura, pelo mesmo motivo, a moderna organização internacional. Sua missão: estabelecer procedimentos, normas, tarifas alfandegárias comuns aos Estados membros, e fiscalizar os fluxos telegráficos. (...) Esse tipo de organização é logo imitado pela União Geral dos Correios (1874), rebatizada quatro anos mais tarde como União Postal Universal, a Comissão Internacional de Pesos e Medidas (1875), que marca o triunfo do sistema métrico, a Convenção Internacional para a Regulamentação das Rotas Marítimas (1879), a União Internacional de Proteção da Propriedade Industrial (1883), a União Internacional para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas (1886), ou ainda o Congresso Internacional de Estradas de Ferro (1890). A fórmula aplicada nos mais variados campos da vida social e econômica num momento em que pululam projetos de padronização. (MATTELLART, 2002, p.25)

Além disso, Matellart também nos fala de como a instalação dos cabos telegráficos submarinos, ainda no final do século XIX, refletiu o caráter expansionista das potências em busca de novos mercados. Ele também salienta, desde aquela época, o papel das empresas privadas na instalação destes cabos. Com exceção da França, todo o *know-how* tecnológico, da produção à instalação da rede oceânica estava nas mãos de companhias privadas.

Torna-se claro, portanto, o reconhecimento dado pelo Estado moderno – entendido como liberal, burguês e em seu contexto expansionista-imperialista - à importância da adoção de procedimentos e de normas universalizantes, com o claro intuito de manter sob seus domínios o controle do desenvolvimento e implementação dessa nova forma global de comunicação.

Esse movimento caracterizará todas as novas tecnologias e organizações comunicacionais que estão por vir, como o telefone, o cinema, o rádio e as próprias agências de notícias – que se tornarão os oligopólios modernos de comunicação.

A própria idéia de imprensa livre de qualquer censura se insere na lógica de liberalização e internacionalização das economias. O fluxo informacional desimpedido de entraves, principalmente os de caráter estatal, deveria se tornar norma. Junto com a informação, o dinheiro perderia suas amarras e as negociações poderiam se desenrolar de forma mais rápida e fluída.

Porém, a “sociedade da informação” como a entendemos hoje – nos contornos e na sua carga ideológica amplamente disseminada -, foi anunciada ao término da 2ª Guerra Mundial, momento bastante conturbado da história.

É a partir dessas reviravoltas que se têm operado rupturas marcantes ou progressivos deslizamentos de sentido que levaram a “comunicação” a passar de uma significação reduzida à mídia para uma definição com pretensões totalizantes, ou do confinamento em um setor industrial para sua promoção enquanto pedestal de uma nova sociedade. Para chegar, no final das contas, à substituição da “ideologia do progresso” pela “ideologia da comunicação.” (MATTELART, 2001, p.143)

Com o crescimento vertiginoso dos complexos militares dos EUA e URSS – nascidos durante o conflito, mas mantidos após seu término (Guerra Fria) -, as pesquisas em novas tecnologias ganham enormes investimentos. Enraíza-se aí, definitivamente, a crença no bem-estar universal promovido pelas novas plataformas tecnológicas.

A crença do progresso da sociedade baseada na informação ganha nova força com o desenvolvimento do primeiro computador de transistores e do lançamento dos primeiros satélites, ainda na década de 1950. Estão lançadas as bases para o desenvolvimento da maior e mais complexa rede de comunicação, a “rede-das-redes”, a Internet.

2.7 Novas tecnologias em curso

Ignorar a existência das novas tecnologias, subestimá-las ou superestimá-las são os pontos que evitaremos cair. O processo tecnológico que nos deparamos neste momento histórico ainda está em pleno desenvolvimento, é um terreno bastante instável e em constante mudança. Novos equipamentos, novos softwares e novos usos são pensados e disseminados em ritmo acelerado, trazendo enormes impactos nos mais diversos aspectos das sociedades contemporâneas.

No entanto, como trouxemos anteriormente, tais tecnologias só estão em uso hoje devido a um processo que envolve diversos autores e atores, interesses diversos e condições específicas.

Exemplificaremos esse processo atual com uma breve retrospectiva sobre o desenvolvimento e implementação da Internet pelo mundo, tornando-se hoje a maior rede de informações que o homem conseguiu projetar.

Para chegar à sua forma atual, a rede das redes passou por um processo embrionário bastante interessante. Segundo Castells, “a criação e o desenvolvimento da

Internet nas três últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural.” (Pg. 82)

O impulso inicial da rede das redes foi o cenário político mundial, em pleno auge da corrida armamentista da Guerra Fria. Buscando proteger as bases de dados norte-americanas de um possível ataque nuclear soviético, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA iniciou uma série de pesquisas em cooperação com empresas e universidades estadunidenses a fim de desenvolver uma rede de informação descentralizada, ou seja, as mensagens poderiam ser enviadas e acessadas de qualquer terminal conectado à rede.

O embrião do que hoje conhecemos como Internet, cujo nome era ARPANET, começou a operar em setembro de 1969,

com seus quatro primeiros nós na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Standford Research Institue, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah. Estava aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA, mas os cientista começaram a usá-la para suas próprias comunicações, chegando a criar uma rede de mensagens entre entusiastas de ficção científica. A certa altura tornou-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e das conversas pessoais.” (CASTELLS, 2002, p.83)

Observa-se, desde o início de sua formação, as diversas utilizações efetuadas por seus criadores, mostrando desde já seu forte caráter para a integração das mais diversas atividades dentro de sua teia informacional.

Para organizar as atividades, sub-redes foram criadas para abrigar os interesses diversos, como redes militares, redes científicas, redes para acadêmicos não cientistas etc. Porém, todas se mantinham ligadas à grande rede que, na década de 80 recebeu o nome de ARPA-INTERNET. Logo em seguida, seu primeiro nome foi suprimido, tornando o que conhecemos como INTERNET.

A rede era mantida, inicialmente, pelo Departamento de Defesa e operada pela National Science Foundation. Em, 28 de fevereiro de 1990 ela passou a ser gerida pela NSFNET, parte da National Science Foudation, permanecendo sob seus domínios até o ano de 1995, quando é totalmente privatizada.

De lá para cá, diversos órgãos reguladores foram criados para regulamentar e gerenciar a rede, como a Internet Society, a Internet Activities Board, Internet Engineering Task Force.

Apesar da criação, em 1998, de um novo órgão regulador com sede nos EUA (IANA/ICANN), em 1999 não existia nenhuma autoridade clara e indiscutível sobre a Internet, tanto nos EUA como quanto no resto do mundo – sinal das características anarquistas do novo meio de comunicação, tanto tecnológica quanto culturalmente. (CASTELLS, 2002, p.84)

Castells também aponta o papel desempenhado pela contracultura da informática no desenvolvimento da Internet, “quase sempre de associação intelectual com os efeitos secundários dos movimentos da década de 1960 em sua versão mais libertária/utópica.” (CASTELLS, p.86)

Ele cita como exemplo a invenção do modem por dois estudantes norte-americanos, no ano de 1978, “quando estavam tentando descobrir um sistema para transferir programas entre microcomputadores via telefone para não serem obrigados a percorrer longos trajetos no inverno de Chicago.” (CASTELLS, 2002, p.86)

Assim como pudemos observar, desde seus primeiros passos, a Internet foi sendo constituída por um aglomerado de interesses militares, científicos, comerciais e particulares, muitas vezes antagônicos. A partir de sua difusão para o público em geral – assim como a sua gestão ser controlada por empresas particulares – a Internet tornou-se um novo ambiente propício para embates das mais diversas origens.

Se a rede, em sua gênese, tinha um objetivo definido, hoje ela se tornou algo demasiadamente amplo para apontarmos qual a sua verdadeira função, delimitar seu real uso e aplicação. No entanto, isso não significa dizer nem que ela é totalmente controlada, nem que é totalmente livre, anárquica.

Pensemos na hipótese de que, num futuro próximo, todas as pessoas do mundo possam, se assim desejarem, estar conectadas à rede. Mesmo que todos possam acessá-la, isso não significa dizer que ela será construída de forma hegemônica por todos, nem que representará a diversidade de todos os usuários.

A forma como se dará essa conexão, por meio de quais ferramentas (hardwares e softwares), quais serão os sites utilizados, qual os sistema de busca que elencaram quais sites são mais importantes, quais serão os contatos que o usuário estabelecerá dentro da

rede, certamente operaram, de maneira análoga à criação do alfabeto, certas modelagens nos hábitos, comportamentos e usos dessa tecnologia pelos seus membros.

É interesse observarmos a opinião de Joaquim Paulo Serra em **A internet e o mito da visibilidade universal**:

A Internet está, desde os seus inícios – refiro-me aos académicos e científicos -, ligada à utopia iluminista de uma visibilidade universal e igualitária, ou, como diz António Fidalgo, de “uma rede sem centros nem periferias”. É certo que a Internet se distingue da imprensa e do audiovisual pelo facto de o acesso ao seu “espaço” não estar, em princípio, condicionado por quaisquer mecanismos prévios de filtragem da informação: qualquer um, em qualquer lugar, em qualquer tempo, pode publicar aí o que quiser. Mas publicar não é, obviamente, sinónimo de ser visto ou ouvido. O mesmo é dizer que também aqui existem determinados mecanismos de filtragem, de selecção e de exclusão - só que eles exercem-se a posteriori, sobre o “oceano” de informação que vai sendo acumulada. Recorrendo à imagem da “caixa negra”, diremos que o que é condicionado, agora, são não as “entradas” – tudo e todos podem “entrar” - mas as “saídas”; e condicionadas em função de critérios muito específicos, como o demonstra o funcionamento dos motores de busca. (SERRA, p.5)

Todas essas questões aparentemente irrelevantes delimitarão não apenas a vida dos usuários no momento em que estão conectadas à rede, mas também o que representam fora dela, como imaginarão o mundo, como enxergarão o outro etc

Todo esse processo de desenvolvimento da Internet, observando as relações entre as motivações iniciais e suas aplicações futuras, assim como a regulação, o desenvolvimento de novas ferramentas e programas e o controle gestor da rede, também pôde ser notado ao longo da constituição das primeiras comunicações com caráter globalizante. Para Mattelart, esse processo foi observado desde os primórdios da instituição postal.

Entre Estado e setor privado, quem deve controlar a circulação da informação, a implantação e o funcionamento das redes de comunicação à distância? Quem está autorizado a utilizar os novos serviços? Essas questões não esperaram a chegada do telégrafo manual para serem formuladas, mas acompanharam a longa pré-história da instituição postal. (MATTELART: 2002, p.16)

2.8 A cultura na Era Digital

As tão propaladas palavras *cibercultura*, *tecnocultura* – bastante usadas por Levy e Kerkhove - e tantas outras cunhadas para designar uma postura social e individual frente à miríade da comunicação digital, podem nos parecer, a priori, termos representativos e válidos.

No entanto, antes de assumirmos tal terminologia como válida, se faz necessário uma discussão anterior sobre o que é cultura. Não nos ateremos a uma sistematização exaustiva do termo, mas buscaremos expor algumas considerações que pensamos ser relevantes.

Segundo Clifford Geertz⁶, a abordagem da cultura pressupõe uma descrição densa, buscando compreender pequenos detalhes e esquemas representativos que diferenciam uma cultura da outra. O papel do pesquisador, neste sentido, seria o de assimilar as representações próprias de determinado grupo e buscar interpretá-las, contextualizando-as com a forma de compreensão específica de uma comunidade. Num exemplo clássico dado pelo autor, o pesquisador da cultura deve estar apto a distinguir a significação de uma simples piscadela em diferentes grupos. O piscar dos olhos que numa cultura representaria uma conspiração, noutro contexto poderia apenas ser um tique nervoso.

Na abordagem sugerida por Denys Cuche⁷, a identidade cultural seria forjada na interação entre os grupos e as culturas, num processo de identificação e negação constante intra e extra grupos. O autor também faz uma importante observação sobre a influência do poder na estruturação do que é entendido por cultura. Para ele, o Estado Moderno, por exemplo, se tornaria um “gerente da identidade”. Através de mecanismos de regulação e controle, o poder dominante tenderia a pressionar as minorias, buscando induzir a sociedade a uma “mono-identificação.”

Entretanto, Cuche nos diz que, apesar dos processos de identificação poderem ser usados de forma estratégica, isso não significa que eles seriam totalmente manipuláveis, havendo espaço para as manifestações destoantes, sejam no plano individual ou no da coletividade.

Manuel Castells busca entender a cultura humana como indissociável da comunicação e, por conseguinte, dos meios e símbolos pelos quais ela se expressa.

⁶ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978

⁷ CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002

Partindo da escrita alfabética, passando pela TV e internet e, enfim, pela confluência de todos esses meios no que se convencionou chamar de multimídia, ele diz que “culturas consistem em processos de comunicação”.

Dentro do modelo da TV convencional, “vivemos com a mídia e pela mídia”, pois ela é “a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas”. (CASTELLS, p. 419). Isso não significa dizer ele entende a mídia como o grande vilão manipulador da sociedade e nem a considera como elemento redentor. Sobre a TV ele nos diz:

O poder real da televisão, como Eco e Postman já afirmaram, é que ela arma o palco para todos os processos que se pretendem comunicar á sociedade em geral, de política a negócios, inclusive esportes e artes. A televisão modela a linguagem de comunicação societal. (...) Portanto, como representa o tecido simbólico de nossa vida, a mídia tende a afetar o consciente e o comportamento como a experiência real afeta os sonhos, fornecendo a matéria-prima para o funcionamento de nosso cérebro. (...) É um sistema de *feedback* entre espelhos deformadores: a mídia é a expressão de nossa cultura, e nossa cultura funciona principalmente por intermédio dos materiais propiciados pela mídia. (CASTELLS, 2002, p.421-422)

No entanto, ele não deixa de considerar a televisão como uma forma de comunicação de massa (não no sentido de que essa massa seja acrítica e plenamente manipulável, mas sim no sentido da amplitude de comunicação), já que suas mensagens são unidirecionais e as mesmas para um público heterogêneo. Esse meio de comunicação seria uma “extensão da produção em massa, da lógica industrial para o reino dos sinais”. Para ele, “a televisão precisou do computador para se libertar da tela.”

Ainda de acordo com o autor, com o surgimento da Internet, novas formas de interação entre membros de diversas sociedades ganhariam forma. A Comunicação Mediada por Computador (CMC) traria consigo, em parte, um espírito contracultural de comunidade advindo de alguns de seus primeiros entusiastas. Por outro lado, a arquitetura da rede também refletiria os hábitos e padrões culturais de seus primeiro usuários que, como ele demonstra, estão ligadas ao complexo industrial-militar, a interesses econômicos e a uma pequena parcela cosmopolita e urbana da população mundial.

Os vínculos sociais na rede, manifestados pelas comunidades virtuais, não seriam melhores nem piores do que os das comunidades ditas reais, visto que, se por um

lado, os laços sociais entre os indivíduos dentro do espaço virtual tendem a ser mais “fracos” que os vínculos reais, por outro lado, a possibilidade de aumento do número desses laços fracos, geraria maior possibilidade de confronto de idéias e incentivaria novas formas de pensamento e noções de identificação.

As redes eletrônicas em geral, no entanto, apesar da possível utilidade para movimento sociais, sua influência no domínio cultural pode muito bem ser a de reforçar o cosmopolitismo das novas classes profissionais e empresariais que simbolicamente moram em uma estrutura de referência global, ao contrário da maioria da população de qualquer país. Portanto a CMC pode ser um meio poderoso para reforçar a coesão social da elite cosmopolita, fornecendo um apoio importante ao significado de uma cultura global, que vai da elegância de um endereço eletrônico à circulação rápida das mensagens da moda. (CASTELLS, 2002, p.449)

A partir da confluência dos diversos meios de comunicação – e mais do que isso, de todos os domínios da vida, desde a casa até o ensino – para o âmbito da comunicação eletrônica, para a **multimídia**, a distinção entre o “real” e o “virtual” desaparece.

Castells defende que, na verdade, essa distinção nunca existiu, pois, se a cultura é um processo de comunicação – e todo o processo comunicacional é baseado “na produção e consumo de sinais” -, não existiria uma separação entre a “realidade” e representação simbólica.

Ele nos alerta para que, devido aos diversos interesses políticos e econômicos envolvidos nesse processo, e também aos altos custos de seu desenvolvimento, a constituição desse ambiente simbólico está centrada na mão de grandes oligopólios oriundos de grandes fusões de empresas transnacionais de telefonia, provedores de internet, mídia e entretenimento. “Assim, haverá um sistema multinacional, porém, com toda probabilidade, será decisivamente moldado pelos interesses comerciais de poucos conglomerados ao redor do mundo.” (CASTELLS, 2002, p.453)

Nesse mesmo sentido, ao encararmos o contexto de disseminação de um novo espaço simbólico, Armand Matellart aponta para a formação do que ele chama de “*market mentality*”, ou seja, uma cultura forjada no seio das empresas globais e que buscaria se difundir para todos os níveis de representação da sociedade. Ao incorporar o modelo da arquitetura das redes, de assumir uma gestão descentralizada e transfronteiriça, as empresas globais conjugariam o local e o internacional dentro de

suas estratégias e organização, além de trazer o trabalhador para dentro de sua dinâmica criativa, fazendo-o se sentir parte do processo, e não mera ferramenta e mão-de-obra.

“À separação das tarefas do fordismo, opõe-se esta nova norma: a capilaridade da função gerencial, sua difusão pelo corpo da empresa. E como o empregado é uma parte do todo, é também portador do todo.” (MATELLART, 2001, p.252)

Essa mentalidade seria corroborada pelos *best-sellers* sobre gestão empresarial que, a partir da década de 80 apresentam um aumento espantoso, tanto em produção de títulos quanto em números de exemplares vendidos.

Além do mais, esse modelo empresarial, ao buscar se naturalizar e universalizar, mascara seu caráter dominador imposto pelo poder político e econômico da “tríade”: “América do Norte, Europa Ocidental, Japão e novos países industrializados da Ásia”.

(...) a concepção de empresa pretende ser uma nova concepção do universal. Ora, na realidade, esse universal é um universal que funciona em circuito fechado. (...) Trata-se, portanto, de uma teoria segregativa que não considera os restantes 80% da população do mundo a não ser como candidatos ao modelo de consumo e modo de vida da tríade. Único pólo de referências para definir a mundialidade. (MATELLART, 2001, p.259)

A construção mítica em torno das redes, apesar de mais evidente dentro do gerenciamento da empresa global, também pode ser observado de forma contraditória e chocante na maneira como as culturas ditas menos desenvolvidas e “primitivas” são integradas ao sistema em rede. A passagem um tanto quanto longa, extraída do artigo de Gilberto Dupas, é bastante esclarecedora:

Um bom exemplo de inclusão dos miseráveis, como defende Stuart Hart, é a maneira como se está incorporando atualmente não mais os pobres, mas os miseráveis de regiões africanas ao mercado de telefonia celular. No árido topo de uma montanha na África do Sul, apanhar água no rio pode levar até quatro horas. A iluminação é a luz das velas e para cozinhar faz-se uma fogueira. (...) Como a grande maioria dos africanos vive com menos de dois dólares por dia, as operadoras só conseguem vender cotas irrisórias, convencendo o miserável local que ele também tem direito ao progresso, a ser feliz. Os aparelhos celulares lá vendidos são usados e custam menos de cinquenta dólares. Em conseqüência, um entre cada onze africanos tem um telefone móvel e, no entanto, apenas um a cada trinta tem telefone fixo, com tarifa muito mais barata, embora de acesso mais difícil. Aldeões de duas províncias da serra do Congo construíram antenas de quinze metros improvisando topos de árvores para captar os sinais. Mas como carregar as baterias, sem eletricidade?

Carregadores movidos a pedal de bicicleta estão sendo desenvolvidos; o que, segundo o *The New York Times*, exigiria uma bicicleta, propriedade rara na África rural. A solução foi utilizar baterias de automóvel carregadas em postos de gasolina por indivíduos que se locomovem de ônibus e que nunca poderão ter um carro, mas cobram oitenta centavos de dólar para carregar um celular. Por essas e outras, o capitalismo global mostra mais uma vez sua imensa capacidade de adaptação. E consegue explorar aquela que talvez seja sua última fronteira de acumulação: dela faz parte tornar telefones celulares objetos de desejo irrefreável e vendê-los em massa para os miseráveis do mundo. Eles comerão ainda pior, mas estarão ligados ao mundo em tempo real. (DUPAS, 2007, p.12-13)

Se realmente desejamos entender as profundas implicações do novo contexto ideológico e cultural em que estamos inseridos, urge que não acatemos de antemão uma terminologia enraizada numa trama contextual e de interesses múltiplos sem antes analisarmos o que realmente elas querem dizer. As bonitas palavras que, muitas vezes refletem ideais romantizados e comportamentos pré-concebidos, devem ser refutadas e combatidas.

Não podemos simplesmente dizer que o mundo contemporâneo está ou estará vivendo numa cibercultura (encarando-a como sinônimo de pluralidade de expressão mediada pelas novas tecnologias), como se de uma hora para outra simplesmente tivéssemos trocado de referencial cultural, como se trocássemos de roupa. A emergência das novas tecnologias digitais coloca em confronto concepções de mundo enraizadas há muito tempo e, portanto, tal embate nem sempre é suave e tranqüilo.

A comemorada capacidade de ser “livre”, de ter acesso a qualquer conteúdo e também de “ser acessado”, ser visto por todos por todos por meio da técnica é uma construção mítica.

Será que o indivíduo ocidentalizado está realmente pronto para aceitar o diferente? Será que, pelo simples fato de estarmos potencialmente conectados, isto nos fará encarar com naturalidade a cultura muçulmana, com suas mulheres escondendo qualquer vestígio de seu corpo – ou mesmo uma tribo africana que retira com um caco de vidro o clitóris de suas jovens, pois as mulheres não devem ter prazer no sexo? Seremos capazes de nos colocarmos em pé de igualdade com o outro lado da moeda e chegaremos num consenso dialogado ou, pelo contrário, tentaremos nos impor consciente ou inconscientemente? Será a volta da civilização contra a barbárie?

2.9 Apocalípticos e Integrados, de novo?!

Se por um lado corremos o risco de ignorarmos o contexto, a carga valorativa e ideológica e os interesses diversos envolvidos no processo de desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, por outro lado, é da mesma forma perigoso minorizarmos os seus múltiplos significados e impactos na sociedade e nas subjetividades individuais.

Defenderemos aqui o ponto central dessa tese, retornando à frase de Castells: as tecnologias não são boas nem ruins, mas também não são neutras.

Se os usos, e mesmo a capacidade de visionar novas aplicações para as tecnologias, dependem inexoravelmente da inter relação de todos os fatores (e muitos outros) que buscamos expor ao longo desse texto, porém, não podemos pensar essa não-neutralidade de forma imperativa e já terminada, mas também podemos pensá-la “em ação”, observá-la dentro de uma sociedade viva e analisar suas novas ligações e interações que se darão dentro da dinâmica social.

Para não cairmos num dilema “auto-retórico”, num paradoxo insolúvel entre o contexto de desenvolvimento de uma tecnologia e as suas múltiplas aplicações, tomaremos de empréstimo a discussão realizada por Nélia Del Bianco. A autora questiona, através da reapropriação dos conceitos de Apocalípticos e Integrados propostos por Umberto Eco, se não estamos caindo em posições extremadas que estariam inebriando nossas discussões acerca das tecnologias de informação e comunicação.

O certo é que as análises dualistas sobre a comunicação na era das tecnologias digitais da informação – como Eco já apontava ao identificar os apocalípticos e integrados – revelam-se pouco esclarecedoras. (...)Cautela e ceticismo são recursos epistemológicos que a ciência coloca à disposição dos pesquisadores e que devem ser exercitados neste momento com o equilíbrio necessário para que não se caia nos extremos fatalistas ou apologistas. É preciso ter em mente que estamos diante do desafio de dar forma conceitual sólida a um campo de investigação em mudanças. Os desdobramentos do impacto das tecnologias da informação e da comunicação na era da globalização são indefinidos e múltiplos, vários e complexos, abrangentes e com implicações sobre todos os segmentos da vida política, social, econômica e cultural. Para uma reflexão compreensiva é fundamental encarar esse fenômeno contemporâneo como um processo histórico-social de uma outra natureza, que pode ser explicado pelos seus nexos e relações, mas dentro de um novo paradigma no qual o conhecimento tende a ser plural,

multidimensional e não dualista. Enfim, as tecnologias não salvam, mas não conduzem necessariamente ao inferno. (BIANCO, p. 7)

Ou seja, se as motivações que fizeram com que determinada tecnologia fosse desenvolvida são muitas, suas aplicações e reapropriações serão maiores ainda.

Se o alfabeto, a escrita e a imprensa, são tecnologias condicionadas e condicionantes, interpretá-las nesse jogo contraditório, incessantemente, é a tarefa mais difícil, mas também a mais promissora. Deixar de lado os determinismos e os julgamentos antecipados é a premissa mor a ser assumida. Se o alfabeto grego-romano foi forjado pela necessidade da representação monetária, também foi por meio dele que Marx não só divulgou como também pensou e refletiu sobre o capital. Se a Internet foi projetada no seio da Guerra Fria e foi um reflexo dos temores de um conflito nuclear, também foi por meio dela que os Zapatistas se mostraram ao mundo e impediram um massacre generalizado pelo Exército Mexicano nos anos 90.

Essa contradição é um campo rico de pesquisas e análises variadas, permitindo-nos estabelecer novos parâmetros e condutas e, dessa forma, enfrentar o senso comum e as construções mitológicas com objetivos naturalizantes.

Dessa forma, ao optarmos por um viés analítico baseado no discurso, acreditamos na possibilidade de captar e refletir essa conjuntura, de entrarmos no olho do furacão e buscar novas informações que, somente pela sua observação do fenômeno à distância, não seríamos capazes trazer à tona.

No entanto, também não nos iludiremos com a possibilidade de explicar o todo, de cairmos na tentação de acharmos formas prontas e totalizantes e, assim, assumimos nossas incertezas e incongruências, sempre nos colocando imersos nessa trama, influenciando e sendo influencia, num constante diálogo que pode, muitas vezes, tomar formas múltiplas e se manifestar de maneira não programável e linear.

CAPÍTULO II - O DISCURSO JORNALÍSTICO A SERVIÇO DE QUEM?

3.1 Pressupostos Analíticos

Para balizar nosso estudo e buscar melhor entender como se estabelece a relação entre o momento histórico contemporâneo e as suas representações na sociedade, optaremos por uma investigação não restritiva, ou seja, por uma análise que consiga incorporar matizes diversos e, dessa forma, amplie ao máximo a nossa discussão acerca da construção dessa grande narrativa sobre as tecnologias que nos permeia a cada momento.

Por acreditarmos que o espaço midiático - entendido em sua forma mais ampla - tenha um papel fundamental na dinâmica das sociedades contemporâneas ditas modernas (ou pós-modernas), buscar entender a forma como se operam as relações entre os *media* e os mais diversos grupos sociais e indivíduos se torna questão de primeira importância.

Para realizar tal empreitada, optaremos por um recorte que busque entender a mídia, e mais especificamente o jornalismo, como um campo sujeito às mais diversas influências - sejam elas de ordem organizacional, empresarial, ideológicas, subjetivas, culturais etc - objetivando distanciarmo-nos de uma visão maniqueísta, que encara a prática jornalística ou como uma simples embutidora de padrões e normas de conduta ou como uma representação objetiva do real.

Se realmente desejamos nos afastar de tais concepções fatalistas e fechadas, devemos explorar ao máximo as contradições explícitas e implícitas que permeiam o fazer jornalístico, buscando identificar quais são os processos, as relações de poder, os agentes, os sujeitos, os objetos, o contexto e demais fatores que modelam e repercutem não apenas no produto jornalístico acabado, mas também nas suas implicações e reverberações dentro da sociedade.

Ao tomarmos tal postura, não nos isentamos de assumir nosso papel como sujeito e agente desse mesmo processo, sendo nossa análise também condicionada pelos mais diversos fatores e, portanto, não objetiva ser neutra nem imparcial, assumindo toda a contradição inerente a qualquer análise.

No entanto, para não cairmos num relativismo onde tudo é válido e nem nos fecharmos em padrões analíticos estritamente objetivos, optaremos por um respaldo teórico (já que não podemos encará-lo como um procedimento metodológico

sistemático) que permite tal mobilidade: a Análise de Discurso, mais especificamente a de origem francesa (AD).

A opção por tal arcabouço teórico repousa na possibilidade de entender o gênero jornalístico de forma relacional, dialógica e polifônica, ou seja, como afirmamos acima, entendê-lo como um processo de embate contraditório e repleto de variáveis condicionadas e condicionantes por fatores múltiplos.

Na Análise de Discurso, um discurso só pode ser produzido a partir da interação entre interlocutores e sua realidade é histórico-social. Ao apontar para as condições de produção de um discurso, a AD tenta trazer à tona elementos que indiquem os condicionantes sociais de um discurso, sendo este um conceito central nessa teoria. Ou seja, há a interação do sujeito com algo externo a ele (seja o referente, seja seu contexto social), mas essa relação é eminentemente centrada no indivíduo enquanto um ser social. (CASSIANI; GIRALDI; LINSINGEN, p. 2)

Dessa forma, é possível compreender o texto jornalístico para além de seus elementos textuais expressos, do texto em si mesmo, permitindo enxergar também os elementos que muitas vezes são omitidos ou dissimulados, conseguindo dessa forma uma amplitude e um leque analítico bastante interessante. Entretanto, isso não significa que devemos buscar incessantemente um sentido oculto no texto, procurando enquadrá-lo em construções demasiadamente abstratas e pré-concebidas, mas sim analisá-lo em sua forma manifesta, como uma construção significativa e viva, permeada por diversas vozes e interesses.

Apesar de parecer contraditória, tal abordagem sobre o discurso, segundo Foucault (apud FISCHER) não pretende emancipá-lo, como se através de sua análise sistemática fosse possível capturar todas as significações existentes, mas sim o contrário.

Na verdade, tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. Nesse sentido, o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras e frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É esse “mais” que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do

próprio discurso, até porque as regras de formação, dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (Foucault, 1986, p.70). (FISCHER, 2001. Pg. 4)

Ao assumirmos o jornalismo como um gênero e um processo que, assim como todas as demais atividades humanas, é indissociável da linguagem pela qual ele se manifesta – ou seja, está imerso num sistema de significações e construções discursivas que estão em constante processo de interação com todos os elementos da vida social – ele deixa de ser encarado como uma simples relação causal, onde os elementos discursivos estão apresentados no corpo do texto, e passa a ser entendido como uma construção inter-relacional. Sendo assim, ao abordamos o jornalismo como uma construção, ele ganha um status flexível e, portanto, torna-se um espaço de embates diversos e passível de mudança.

Na análise do discurso jornalístico é preciso estabelecer esta conexão com o ideológico no texto. O diálogo com os dispositivos da Análise do Discurso Francesa (AD) desenha-se como um caminho para fazer emergir os efeitos de sentido que constituem a teia discursiva. Trabalhar com a compreensão do Jornalismo enquanto discurso pressupõe considerar todos os aspectos envolvidos neste sistema, nesta processualidade própria do fazer jornalístico, sendo que estes aspectos não estão do lado de fora do texto, mas inseridos nele. (SCHWAAB, 2007. Pg. 5)

A partir do entendimento exposto no primeiro capítulo deste trabalho, de que as novas tecnologias da informação e da comunicação não podem ser entendidas de forma separada de seu contexto social-histórico e ideológico, buscaremos, a partir de uma análise de reportagens e textos jornalísticos que tratam da questão tecnológica, explorar esse rico espaço de debate onde os sentidos, os mitos e as “verdades” disseminadas no senso-comum são construídas e reconstruídas.

Focaremos nossa análise em oito edições dos cadernos de informática de dois grandes jornais de circulação nacional, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, sendo quatro cadernos de cada publicação, abrangendo o mês de agosto de 2009.

3.2 O discurso jornalístico

Assim como introduzido acima, ao nos apoiarmos na Análise do Discurso, objetivamos entender o jornalismo como espaço constituído por diversos elementos e interpelado por diversas vozes. Dessa forma, o texto perde seu caráter autoral, como representante claro e objetivo de uma idéia, como se fosse ele próprio original e existisse fora de um contexto e de uma conjuntura que propiciou a sua emergência.

Os conceitos de dialogismo e polifonia, propostos por Mikhail Bakhtin, nos ajudam a elucidar como esse processo ocorre. O dialogismo seria a forma relacional como os discursos são encadeados e interagem com as construções sociais. A polifonia, nesse mesmo sentido, seria a presença das diversas vozes evocadas num discurso, sejam essas as vozes de um período histórico, de uma autoridade, de uma ideologia etc.

Como vimos, a “polifonia” se refere, embora de outro ângulo, ao mesmo fenômeno designado por “dialogismo” e “heteroglossia”. Enfatiza a coexistência, em qualquer situação textual ou prototextual, de uma pluralidade de vozes que não se fundem em uma consciência única, mas que, em vez disso, existem em registros diferentes, gerando um dinamismo dialógico entre elas próprias. Nem “heteroglossia” nem “polifonia” apontam para a heterogeneidade enquanto tal, mas sim para o ângulo dialógico no qual essas vozes se justapõem e se contrapõem, gerando algo além delas próprias. (STAM, 1992. Pg. 96)

Antes de buscarmos essas vozes no discurso jornalístico, entretanto, se faz necessário primeiramente definirmos o que é o discurso.

Em uma síntese das definições foucaultianas sobre o que é o discurso, Rosa Maria Bueno Fischer aponta que, de maneira geral, o discurso é constituído por enunciados.

Em quase todas as formulações sobre discurso, Foucault refere-se ao enunciado. Discurso como “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência”, ou como “domínio geral de todos os enunciados”, “grupo individualizável de enunciados”, “prática regulamentada dando conta de um certo número de enunciados” são algumas delas (1986, p.90 e 135). A idéia contida nas expressões “condições de existência”, “domínio”, “grupo individualizável” e “prática regulamentada”, usadas nas definições anteriores, é básica para entendermos a definição de enunciado como “função de existência”, a qual se exerce sobre unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. O enunciado em si não constituiria também uma unidade, pois ele se

encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é “sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (p. 32); trata-se de “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (p. 99). (FISCHER, 2001. Pg. 5)

Dessa forma, o enunciado seria caracterizado por essa “função” de, através de sua manifestação concreta, trazer à tona seus elementos constitutivos. Ainda segundo Fischer, Foucault delimita quatro estruturas básicas da enunciação: um referente (a figura para quem o enunciado fala), um sujeito (é quem fala, quem se reconhece na enunciação. Mas esse sujeito também é falado), um campo associado (a quais outros enunciados ele se relaciona e se apóia para construir o discurso) e uma materialidade específica (como ele se manifesta, por qual meio e com quais palavras).

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (Pontes, 2003),

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2003, p. 15)

Ainda segundo a autora, a Análise de Discurso Francesa está inscrita na junção de três campos do conhecimento que se inter-relacionam e, dessa forma, constituem um novo campo do saber: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise.

Da lingüística, a AD assume diversos conceitos e mecanismos de compreensão do texto como objeto privilegiado de estudo, do Marxismo incorpora e redefine a noção de ideologia e de poder e, da Psicanálise, busca compreender como o sujeito se constitui como tal e como este se torna o agente transformador da dinâmica social.

Esse novo campo que se forma, na década de 60 na França, sob o chavão do estruturalismo, busca identificar como os processos ideológicos ocorrem na abordagem discursiva, e estão intimamente ligados ao contexto político e filosófico desse período histórico. (MAINGUENEAU, 1997)

Apesar de se desenvolver majoritariamente sobre uma abordagem que parte da linguagem, a AD não se restringe ao campo da lingüística. Diferentemente de outras abordagens analíticas, que entendem o texto como algo acabado, como fechado em si

mesmo, a posição discursiva não o entende dessa forma. O discurso, apreendido através do texto – mas não somente nele – é entendido de forma relacional com a conjuntura em que foi elaborado, com os papéis e jogos de cena, com as impossibilidades de seu meio etc.

Isso significa dizer que o texto está inserido numa historicidade seja externa ou interna do próprio texto, e que é manifesta em sua materialidade lingüístico-histórica. Em outras palavras:

Não vemos nos textos os “conteúdos” da história. Eles são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade. Entre a evidência empírica e o cálculo formal exato, trabalhamos, na Análise de Discurso, em uma região menos visível, menos óbvia e menos demonstrável, mas igualmente relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem. O texto, referido à discursividade, é o vestígio mais importante dessa materialidade, funcionando como unidade de análise. Unidade que se estabelece, pela historicidade, como unidade de sentido em relação à situação.

(...)Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: lingüístico-histórica. (ORLANDI, 2003, p. 68-69)

Dessa forma, a AD se distingue da pragmática anglo-saxônica, que entende o texto como uma unidade terminada e auto-significante, ou mesmo da filologia, da lexicologia, que se atém unicamente aos campos da lingüística.

Isso, no entanto, não impossibilita que o analista do discurso recorra a esses outros suportes teóricos em seu trabalho. De fato, essa tensão latente entre a língua e o discurso não busca retomar a dicotomia saussuriana língua/fala, onde a língua seria entendida como um sistema constante e a fala sua ocorrência assistemática, mas sim entende que nem a língua é totalmente fechada e nem o discurso é totalmente aberto. (ORLANDI, 2003)

Dentro do próprio discurso, ao tomarmos um enunciado – entendido como uma concatenação de frases, dentro de um texto, mas que possuem uma certa unidade de sentido própria -, podemos identificar diversas vozes distintas neste texto (polifonia).

Num enunciado, podemos distinguir, por exemplo, o enunciador do locutor. O locutor seria aquele que se assume como o responsável pelo enunciado, o que não necessariamente corresponde ao produtor físico do enunciado. Já o enunciador,

diferentemente do locutor, não se assume como autor do enunciado, mas fala através da enunciação. O enunciador seria uma das vozes implícitas na enunciação. “O enunciador representa, de certa forma, frente ao “locutor” o que o personagem representa para o autor em uma ficção. (...) O “locutor” assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam.” (MAINGUENEAU, 1997, p. 77)

A partir dessa ótica, podemos inferir que o jornalismo enquanto construção múltipla, ao elaborar um discurso sobre determinado tema, recorre de forma consciente ou não a esses elementos, buscando apresentar um determinado acontecimento a partir de concepções forjadas na relação que o sujeito que enuncia estabelece com o referente, com as fontes, com as rotinas produtivas e dinâmicas da empresa etc e com a própria enunciação e, dessa forma, apresentar suas interpretações sobre o que seria o “real”.

Segundo Alfredo Vizeu, os jornalistas buscam “determinados efeitos de reconhecimento (apreensão, compreensão pela audiência)” e que, de acordo com o autor podem ser sistematizados em quatro processo operatórios:

- I – Anunciar - dizer o que aconteceu ou vai acontecer; dizer o que alguém disse, subtendendo a relevância do dito;
- II - Descrever- relatar as etapas de um fato, com suas circunstâncias; os passos de um personagem, com seus comportamentos, atitudes, declarações ou proposições, ou o quadro de uma situação, com os diversos aspectos envolvidos;
- III - Demonstrar – provar a relevância, validade ou veracidade do que foi anunciado ou descrito;
- IV- Argumentar – orientar inferências a partir do que foi dito ou realizado (é o que acontece, comumente, na abertura das matérias no telejornalismo); apelos muito comuns (por exemplo, na abertura a cabeça de uma matéria dizendo: Violência na zona norte de Vitória). (VIZEU, 2003. Pg. 9)

Vale reforçar que, por mais que o jornalista busque convencer os destinatários de sua mensagem de que a sua representação do “real” é factível, por se tratar de um processo lingüístico-histórico em última instância – e, por isso vivo, dinâmico -, diversos outros sentidos serão formados a partir desse discurso, visto que o referente está imerso numa miríade de significações que estabelece com o seu mundo vivido e, por isso é capaz de criar novos sentidos a partir da mensagem emitida.

3.3 Alguns conceitos-chave da Análise do Discurso

Ao entender o discurso como um processo de significação, sujeito a diversas coerções de ordem interna e externa, a AD propõe uma nova forma de leitura do texto. Os dizeres não são encarados como mensagens a serem decodificadas, mas “efeitos de sentido” que estão inseridos em certas condições. Nesse sentido, ORLANDI faz uma distinção fundamental entre as diversas formas de se encarar o objeto de análise, distinguindo **inteligibilidade**, **interpretação** e **compreensão**:

A inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. Em uma situação “x” Maria diz que Antonio vai ao cinema. João pergunta como ela sabe e ela responde: “Ele disse isso”. Interpretando: “ele” é Antonio e “o que” ele disse é que vai ao cinema. No entanto, a compreensão é muito mais do que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. Por exemplo, nas palavras de Maria, pode-se compreender que ela não quer ir, ou que Antonio é quem decide tudo, ou que ele está indo em outro lugar etc. (ORLANDI, 2003, p.26)

Isso não significa dizer que a AD busca revelar o real sentido de um texto, trazendo à tona o que foi ocultado de forma premeditada num recurso retórico, mas sim compreendê-lo em sua própria dinâmica. Dessa forma, os discurso não são vistos como claros, objetivos, mas como objetos opacos, constituídos por diversas vozes e significações implícitas e explícitas e que ganham novas significações no contato com seus destinatários.

Outro conceito bastante importante é a noção de “**condições de produção**”, que seria entendido como a relação dos sujeitos com a situação. Quem eu penso que sou, quem eles pensam que sou, quem eu penso que eles pensam que eu sou, o que eu represento em determinado contexto seriam exemplo dessas “condições de produção”.

Segundo ORLANDI, entre as condicionantes da produção, podemos citar a memória como fator relevante. A **memória** é aqui entendida como a utilização de certos recursos discursivos que estão presentes de alguma maneira num “inconsciente” coletivo. Exemplo disso seriam as palavras: das diversas palavras existentes na língua,

ao elaborarmos um enunciado, optamos por certas palavras e não por outras. Fazemos isso porque, consciente ou inconscientemente, sabemos o que estas palavras significam dentro de nosso contexto social, cultural, histórico e político por meio da memória.

Esse conceito possui zonas de convergência com outro conceito relevante, que é o de **paráfrase**. A paráfrase seria a “escolha” de se dizer algo de uma forma e não de outra. Citaremos o exemplo trazido por ORLANDI sobre uma faixa eleitoral dentro de uma Universidade, no período de escolha de seus novos administradores. Numa faixa de um candidato, com fundo preto e com os dizeres “Vote Sem Medo”, a significação decorrente desse texto está condicionada tanto pela memória quanto pela paráfrase. Ela nos diz que, se a o escrito e o fundo da faixa fossem outros, por exemplo, um fundo vermelho e o escrito “Vote com Coragem”, a significação obtida provavelmente seria outra.

“Vote Sem Medo” faz alusão direta ou indireta ao autoritarismo. E o fundo preto, sendo o preto a cor historicamente associada ao fascismo, traria implicitamente, em conjunto com o escrito, a idéia de que o outro candidato representa de certa forma tudo isso.

Se a faixa fosse outra, de fundo vermelho e escrita com “Vote Com Coragem”, a significação implícita faria alusão ao comunismo, ou à uma idéia genérica de esquerda política (cor vermelha), sendo enfatizada pela palavra Coragem, colocando expectativas no futuro, na renovação e na mudança.

No entanto, ao pensarmos a paráfrase como a possibilidade de se dizer algo de forma diferente, mas que inexoravelmente está dentro de um conjunto pré-determinado de significações, podemos entender de maneira errônea a dinâmica discursiva e dessa forma encará-la como estática. É aí que outro conceito chave se faz fundamental: o conceito de **polissemia**. A polissemia representaria justamente a ruptura, atestando a dinâmica da linguagem, onde novos movimentos são forjados e as regras são deslocadas, abrindo espaço para novas significações.

Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2003, p. 36)

Mais uma vez salientamos que o processo de significação resultante de determinado discurso não é totalmente manipulável e premeditado, mas sim decorrente desse processo remissivo constante a uma memória coletiva, de determinado público em determinado contexto, e pelas escolhas parafrásticas pensadas ou não, assim como as novas possibilidades abertas pela ruptura das regras e dos padrões enunciativos.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados. (ORLANDI, 2003, p. 32)

Outras noções importantes são as de **interdiscurso**, **intertexto** e **intertextualidade** que, apesar de parecidas não querem dizer as mesmas coisas. De forma sucinta, entende-se por interdiscurso a remissão a outros discursos já ditos, historicizados, mas que, através do **esquecimento**⁸, tomamos como nosso. Ou seja, só falamos a partir do que já foi dito, não falamos e criamos um sistema simbólico propriamente nosso, mas nos apropriamos dessa simbologia coletiva.

Já por intertexto de uma formação discursiva, “entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita e, por *intertextualidade*, o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática.”

(MAINGUENEAU, 1997, p.86)

Por fim, dentro do que chamaremos de “macro-conceitos” da AD, podemos também falar em **relação de força**, que significa dizer que o “lugar” do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz, ou seja, a posição que o sujeito ocupa na sociedade (ex: o professor, o padre, a mãe) reverberam em seu discurso.

Cabe dizer que, diferentemente de uma análise sociológica, a AD ao trabalhar com esses conceitos, não o faz visando delinear essas representações como sinônimos

⁸ M. Pêcheux (apud ORLANDI) faz a distinção entre dois esquecimentos: o número um e o número dois. Este seria de ordem parafrástica, semi-consciente, “de tal forma que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim.” (p. 35); aquele é um esquecimento ideológico, ou seja, “embora se realizem em nós, os sentidos se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade.” (p.35)

dos sujeitos em si, mas sim da formação discursiva decorrente dessas variáveis e que, portanto, está localizada num plano imaginário, construído simbolicamente.

Além disso, os conceitos expostos acima são apenas uma parte pequena de tantos outros conceitos trabalhados em diversas análises discursivas, sejam conceitos privilegiados em outros campos analíticos (como a pragmática, a lexicologia, a fonologia etc) e que muitas vezes são incorporados na AD, sejam conceitos advindos de outros campos do saber.

Cabe ainda uma confissão e uma justificativa de nossa escolha por esse conjunto teórico um tanto quanto disperso denominado AD Francesa.

Ao se apoiar em noções e conceitos amplos e que, de certa forma permitem uma flexibilidade na delimitação do corpus analítico e da própria análise, o conceito do discurso como espaço analítico privilegiado perpassado pela ideologia pode nos levar a sentir falta de uma metodologia mais sistemática.

Dessa forma, ao nos depararmos com outras leituras que também pretendem a realizar uma análise do discurso, podemos tomá-las de empréstimo e as colocarmos dentro do chavão da AD. Nesse sentido, é preciso tomarmos bastante cuidado com essa tentação.

Esse foi, de certa forma o nosso caso. Devido a um não conhecimento profundo da área da AD, mas sim de alguns de seus pressupostos mais gerais, entramos em contato com outros tipos de análise, advindos de outras tradições e de bases teóricas de outras vertentes.

Na busca de uma abordagem mais definida e com conceitos mais sistemáticos, tivemos contato ao longo de nossa investigação com a semiótica francesa, mais especificamente de uma semiótica discursiva. Num primeiro momento, já que esta forma analítica é caracterizada, em linhas gerais, pelos elementos semânticos e sintáticos dos textos e, por isso permite uma sistematização conceitual mais “concreta”, quase transpusemos esses conceitos para dentro da AD.

Isso, metodologicamente, seria no mínimo inviável, podendo até mesmo invalidar nossa análise. Não queremos aqui, de forma alguma, desmerecer ou fazer qualquer juízo de valor sobre a semiótica francesa, visto que nosso contato com ela foi bastante limitado, e mesmo porque ao falarmos em semiótica francesa de forma unívoca não levamos em conta suas diversas modificações ao longo do tempo. (FONTANILLI, 2008)

Para demonstrar essa “tentação” na qual quase fomos seduzidos, traremos de alguns de seus principais conceitos e pressupostos analíticos apresentados e sistematizados por FIORIN (2005).

Segundo o autor, a semântica é o estudo do significado. No entanto, esse conceito aberto tem pouca validade e, por isso, ele inscreve sua linha analítica numa **semântica gerativa** (a relação entre os níveis superficiais e profundos), **sintagmática** (foca-se na produção e interpretação de discursos) e **geral** (analisar como os sentidos ocorrem nos diferentes planos de expressão).

Em linhas bastante gerais, podemos dizer que esses recursos analíticos visam elucidar o processo gerativo de sentido que, para o autor “é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”. Sendo assim, esses níveis do percurso gerativo do sentido são subdivididos em três (**fundamental**, **narrativo** e **discursivo**), sendo que cada um deles pressupõe dois componentes fundamentais em sua constituição, **sintático** e outro **semântico**.

A distinção entre sintaxe e semântica não decorre do fato de que uma seja significativa e a outra não, mas de que a sintaxe é mais autônoma do que a semântica, na medida em que uma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos. (FIORIN, 2005, p.20)

De forma sucinta, podemos dizer sobre os níveis do percurso gerativo do sentido (explicaremos de forma mais detalhadas tais conceitos ao longo de nossa análise, visando uma fluidez de leitura maior):

- **fundamental**: é o nível em que opera uma oposição central no interior do discurso, de um pano de fundo essencial, de caráter abstrato. Contrapõem-se conceitos antagônicos que podem, de certa maneira, demonstrar as bases em que o discurso se apóia.

A semântica do nível fundamental, representada pela oposição de “x” e “y” (termos contraditórios, opostos entre si), atribui um caráter positivo ao primeiro termo (euforia) e um caráter negativo ao segundo (disforia). Vale ressaltar que essa valoração é entendida no interior do discurso e não é representada pelas palavras opostas em si. Num determinado texto, numa oposição /morte/ *versus* /vida/, o primeiro termo pode ser tomado como eufórico e o segundo como disfórico. Já em outro texto, a situação pode se inverter.

A sintaxe do nível fundamental coloca esses termos dentro de uma oposição entre afirmação e negação. Eles se encadeia de forma que a afirmação de /x/, negação de /x/ gera a afirmação /y/ e que a afirmação de /y/, negação de /y/, gera a afirmação /x/.

- **narrativo**: o nível narrativo pressupõe uma transformação de um estado inicial a outro. São identificáveis, no nível sintático, os **enunciados de estado** (“são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto”) e os **enunciados de fazer** (“são os que mostram a transformação”).

Os textos, no plano narrativo, não são considerados narrativas mínimas, mas sim complexas, onde os dois tipos de enunciado se entrelaçam e se organizam hierarquicamente. Pensando nessa complexidade textual, FIORIN (2005) nos diz que a narrativa pressupõe quatro fases da seqüência canônica:

- *manipulação*: representada pela tentação, intimidação, sedução, provocação etc.
- *competência*: sujeito com o *saber fazer e/ou poder fazer*
- *performance*: fase onde ocorre a transformação de um estado a outro.
- *sanção*: verificação da performance, descobertas e revelações.

Essas fases não são lineares e bem arranjadas, e nem sempre estão explícitas ou nem mesmo se realizam completamente.

Além disso, a sintaxe discursiva abrange dois aspectos: as projeções da instância da enunciação no enunciado e as relações entre enunciador e enunciatário (argumentação).

Na semântica discursiva, o que ocorre é a concretização das mudanças que ocorrem no nível narrativo. Ou seja, textos diferentes, construídos de forma diversa, podem ter um mesmo nível fundamental ou narrativo, querendo dizer uma mesma coisa, mas de formas diferentes. A semântica discursiva se realizaria aí, demonstrando como a construção de cada um dos textos reverbera de formas distintas. Fazem parte deste nível discursivo os temas e figuras, os percursos figurativos e os percursos temáticos, as configurações discursivas, a isotopia, a metáfora e a metonímia e os diversos modos de combinação das figuras e dos temas.

A exposição sucinta de tal arcabouço (semântica gerativa, sintagmática e geral), longe de desnecessária, serve mais para justificar a nossa escolha, enfim, pela AD Francesa devido às nossas condições de produção.

3.4 O papel do analista e a construção do corpus de análise

Entendendo que a AD, longe de buscar uma sistematização e uma metodologia pronta, coloca em primeiro plano o papel da interpretação. O analista, como já dissemos, não pretende buscar uma verdade oculta no texto, mas sim situá-lo dentro de um contexto, de uma formação discursiva determinada e buscar trazer à tona - não de forma abstrata, mas através da historicidade-lingüística manifesta – as variáveis e condicionantes que fizeram com que determinada construção fosse utilizada em detrimento de outra.

O analista deve ter consciência de que, assim como qualquer outro ser humano, também é influenciado e perpassado pela ideologia, seja ela claramente identificável ou não e que, portanto, sua análise – que também é um discurso – está imerso num arcabouço de determinadas significações, voltadas para determinado “público” e de certa forma intencionais, sendo acatadas ou não pelo leitor.

O próprio fato de nos colocarmos no papel de analista pressupõe certo ar de “superioridade”, queiramos ou não. Mesmo que tentemos ocultar, dissimular essa relação, ela está presente neste trabalho, assim como em qualquer produção discursiva.

Além disso, a construção do corpus analítico é uma seleção, apenas um recorte dentro de tantos outros possíveis e que, portanto, não se esgota.

Fazer tais ponderações e assumir a tensão inerente à análise, longe de ser uma *mea-culpa* que busca uma cumplicidade com o leitor (será que não?), é mais uma auto-análise que busca explicitar e assumir suas falhas.

Dito tudo isso, cabe agora apresentar e justificar efetivamente nosso corpus de análise. É aí que entra a remissão à primeira parte deste trabalho, que faz a discussão “sociológica” e “filosófica” acerca das novas tecnologias de comunicação, sobre a tecnologia e a sua delimitação em um espaço histórico.

Acreditamos que a AD nos permite trabalhar de forma satisfatória esses conceitos, já que entende a importância fundamental do simbólico, da ideologia diluída na palavra. Não busca separá-la, entendê-la como algo negativo (a ideologia), mas sim inerente e indissociável à formação discursiva e às representações e construção do “real”.

Sendo assim, delimitamos nossa análise a um determinado conjunto de textos que possuem um fio condutor significativo e que, dessa forma podem ser caracterizados como um discurso. Em nosso caso, como nosso tema central é a tecnologia e o que ela

representa em nossa sociedade, acreditamos que os cadernos de informática de dois grandes jornais de nosso país são um espaço representativo desse discurso tecnológico.

A questão da escolha do período temporal de análise não obedeceu a nenhum critério “intencional”, mas foi decorrente da própria condição produtiva deste trabalho, neste caso a condição mais evidente foi a do cronograma.

Optamos por uma análise comparativa entre dois jornais pois, dessa forma, no período analisado, poderemos fazer inferências mais genéricas ao discurso jornalístico sobre a tecnologia. Essa opção, se por um lado é positiva, pois permite ampliar a compreensão discursiva de forma mais abrangente, por outro ela pode nos conduzir a um afastamento do texto, do discurso manifesto, o que, dessa forma, poderia invalidar a análise discursiva em sua especificidade, se aproximando mais de uma análise das ciências sociais “duras” do que da AD propriamente dita.

Portanto, tomaremos cuidado para não nos anteciparmos e proclamarmos qualquer coisa aprioristicamente sobre um possível discurso jornalístico-tecnológico, mas sim buscando as junções e disjunções entre os textos dos dois jornais na materialidade lingüístico-discursiva.

Além disso, cabe frisar que não buscaremos “esmiuçar” todas as edições delimitadas dos jornais— mesmo porque isso é impossível dentro das diversas possibilidades analíticas – mas analisaremos alguns enunciados que consideramos significativos, principalmente os oriundos das matérias de capa das edições.

Num primeiro momento, faremos uma apresentação descritiva do material, ou seja, apenas apresentaremos o conteúdo jornalístico (apesar de ocupar grande parte do caderno de informática, os anúncios publicitários não serão analisados em profundidade, mas apenas serão mencionados quando necessário por meio de uma ponte entre o texto jornalístico e as propagandas). Optamos por trazer esta descrição para dentro do corpo de nosso texto, e não deixá-la como apêndice, pois acreditamos que a visualização geral das matérias, caso o leitor não queira consultar o material bruto (anexo), será dessa forma facilitada.

Num segundo momento passaremos para a análise discursiva propriamente dita, onde faremos a “ligação” entre a primeira parte do trabalho e os enunciados, buscando entender como o discurso tecnológico é construído no interior dos jornais.

CAPÍTULO III - PAPEL DA TECNOLOGIA E TECNOLOGIA NO PAPEL

4.1 Apresentação descritiva do material

A seguir descreveremos os principais elementos jornalísticos presentes nos cadernos de informática dos jornais Folha e Estado de São Paulo durante o mês de agosto.

4.1.1 Folha de S. Paulo – Caderno Informática

Serão descritos abaixo as matérias jornalísticas presentes no caderno de informática do Jornal Folha de São Paulo, dos dias 5, 12, 19 e 16 de agosto de 2009.

4.1.1.1 Edição de quarta-feira, 5 de agosto de 2009

Capa – Venda de laptops ultraportáteis de baixo custo deve dobrar neste ano; confira dicas para escolher o seu

Página F2 – **4 pequenas matérias:** Japoneses se apaixonam por personagens de animes e jogos; Configure a autocorreção na versão 2007 do Microsoft Word; iPod explode a Apple pede silêncio; Aprenda a produzir fotos e panorâmicas em 3D;

Traz **10 pequenos “olhos”** com dados sobre GPS, banda larga, processos desencadeados através da rede, sobre o YouTube e o Orkut.

Traz uma **tira de quadrinhos**.

Possui uma **seção de eventos on-line**, apresentando dicas de programas transmitidos pela internet, como chats, shows musicais, venda de ingressos para festivais e outros.

Página F3 – Matéria: **Analistas comentam acordo da Microsoft** – Unindo forças ao Yahoo!, empresa vai dividir responsabilidades e tentar combater o domínio do Google

Página F4 – **1 matéria média** (Netbook remonta ao laptop de US\$ 100 – Eee PC, da Asus, foi inspirado em iniciativa de inclusão digital; novos modelos prometem

mais potência) e **2 pequenas matérias** (Confira se o micro atende a suas necessidades; Windows XP domina o setor, mas Google tenta fazer ataque)

Página F5 – página com **duas matérias sobre netbooks**, da Samsung e da Toshiba:

Toshiba se destaca por bateria e design – Netbook alcança autonomia de mais de oito horas; superfície é riscada com excessiva facilidade.

Com chip da Via Technologies, netbook Samsung é eficiente.

Página F6- Página traz **três matérias sobre análises de netbooks**: Também traz fotos de netbooks e notebooks, suas especificações técnicas e seus preços.

- Esguio, aparelho da Asus oferece boa autonomia – Com 2,5 cm de espessura, 1008HA tem bateria com duração de mais de cinco horas; portas que cobrem conexões dão impressão de certa fragilidade.

- Lenovo tem modo instantâneo e traz reconhecimento facial.

- Laptop da Acer oferece tela maior e padece de sérias falhas.

Página F7 – **três matérias**

- Smartbook é nova classe de laptop – Híbrido de smartphone e netbook, aparelho deve chegar ao consumidor no fim do ano;

- Como escolher entre telefone celular inteligente e netbook

- Após Cook chamar netbooks de “lixo”, Apple planeja tablet.

Página F8 – traz uma seção intitulada **testeUSP**, onde um controle remoto é testado (*Controle integra até 12 dispositivos – Aparelho, que permite programar até dez atividades, tem software lento e exige usuário experiente*). Ao lado direito da página **traz pequenas fotos e funções de alguns produtos**, como um controle de automação, aplicativo de iPhone e TV-B-gone.

Página F9 – Traz **matéria sobre o lançamento de um novo game**

- Chega game de “Comando em Ação” – Cheio de tiroteios e explosões, jogo reproduz cenários e personagens do filme, que estreia na semana que vem.

Página F10 – A página tem como título (*Viagens de geek – Livro apresenta destinos especiais para maníacos por informática, física, astronomia e disciplinas afins*) a **entrevista com John Graham-Cumming**, autor do livros *The Geek Atlas*. Além da entrevista, a **página possui fotos e pequenos textos sobre alguns dos destinos apresentados no livro.**

4.1.1.2 Edição de quarta-feira, 12 de agosto de 2009

Capa – A capa traz **uma reportagem** sobre câmeras fotográficas digitais que possuem um visual retrô. A matéria continua nas páginas F4 e F5.

- *Cara de velha – Visual retro chega às câmeras digitais, que ganham jeito de antigas, mas por dentro oferecem alta tecnologia.*

Página F2 – A página traz **quatro pequenas matérias**, com os seguintes títulos:

- *Brasileiro faz filme pelo celular.*

- *Garotas ensinam truques de maquiagem pelo YouTube*

- *Pequenas empresas terão antivírus grátis.*

- *Funarte dá bolsa de R\$ 30 mil para pesquisar arte e tecnologia*

A página também traz uma seção com pequenos olhos, sobre diversos assuntos relativos à informática, como dados sobre sites, pesquisas e outros.

Também encontramos **duas tiras de quadrinhos** e a seção **eventos on-line – acontece na internet**, com programas de esporte, música, teatro, fotografia e outros que serão exibidos na rede.

Página F3 – a página apresenta **duas matérias**, sobre mecanismos de busca na internet e sobre um debate sobre o ataque ao Twitter. Aparentemente, as duas se pretendem um pouco mais analíticas do que as demais matérias do caderno.

- *Spezify faz buscas visuais inspiradoras – Novo mecanismo procura resultados em bancos de dados diversos, como os do Flickr, do Twitte e do YouTube.*

- *Rede debate os motivos do ataque ao Twitter*

Página F4 – A página traz **matérias sobre máquinas fotográficas digitais**, anunciadas na capa do caderno. Existe **uma matéria principal e quatro sub-matérias**

sobre o tema. Ao lado direito da matéria principal encontramos **fotos de máquinas digitais**, suas especificações técnicas e seus preços de venda. Também observamos **dois olhos** [+] sobre o tema, um sobre comunidades virtuais que atraem fãs desses novos equipamentos e outro sobre o site da Polaroid, que transforma uma foto digital para ficar parecida com a tirada pelo modelo da câmera.

- *Câmera retrô traz recursos de profissional – Fabricantes revivem aparência antiga, que ajuda a aproximar da alta tecnologias os consumidores leigos.*

- *Compacta tira boas fotos com grande angular de abertura 2.0*

- *(...) clássico serve de inspiração – obs: o Xerox está cortando o início do título*

- *Manifestação na internet pede pela permanência da Polaroid.*

Página F5 – a página traz **uma matéria principal e outras três matérias menores**, todas tratando da temática fotografia digital. Também possui **um olho** sobre uma câmera que projet imagens a dois metros de distância.

- *matéria principal: Feira traz demonstração de câmera 3D – PhotoImageBrazil mostra também sistema para panorâmicas e máquina que faz fotos com toque na tela.*

- *Wi-Fi facilita transmissão de fotos*

- *Compacta de 10 Mpixels, finePix Z300 foca e faz foto com toque na tela.*

Destaque da WB1000 é a tela de Amoled

- *Filmes em alta definição são marca da Powershot SX1 IS*

Página F6 – a página nos traz **duas matérias**, uma sobre a segurança de sites na rede e outra explicando como gravar e colocar vídeos feitos por webcam no site YouTube.

- *Sites tidos como confiáveis podem esconder ameaças – Em eventos de segurança de dados, especialista mostram falhas na forma como programas de navegação reconhecem páginas consideradas seguras.*

- *Grave vídeos com sua webcam e coloque-os no site YouTube.*

Página F7 – A página traz **três matérias sobre games** para PC.

- *Jogo de tiro viaja por guerras e tragédias - Em Darkest of Days, jogador pode modificar rumos da erupção do Vesúvio e da Segunda Guerra.*

- *Expansão leva Sims a uma volta ao mundo.*

- *Guitar Hero com banda Van Halen chega em dezembro.*

Página F8 – A página apresenta **duas matérias** sobre banda larga e **um Box** com preços de alguns desses serviços. Também traz ao lado direito da página **fotos de produtos eletrônicos** como TVs digitais, leitor eletrônico de livros, notebook e um pequeno robô, além de alguns dados técnicos dos produtos e preços praticados.

- *Ultralarga, supercara.*

- *Serviço no Brasil ainda é caro em comparação a outros países.*

4.1.1.3 Edição de quarta-feira, dia 19 de agosto de 2009.

Capa – Traz a matéria ***Redes de Games –Em comunidades on-line, jogadores trocam notícias e dicas sobre sua diversão predileta; saiba como entrar nessa turma.*** A matéria continua nas páginas F4 e F5.

Página F2- A página não traz nenhuma matéria, mas apenas **pequenos textos sobre pesquisas que envolvem informática**. Também traz alguns “olhos” sobre acontecimentos e dados que envolvem o mundo da informática, como por exemplo o acordo entre Microsoft e Yahoo e a resposta do Google ao acordo. Também traz **duas tiras de charges na seção quadrinhos**, além da **seção eventos on-line**.

É importante notarmos que nos textos *Para Menores* e *Celular demais* trazem dados importantes sobre pesquisas referentes ao comportamento dos jovens sobre influência das novas ferramentas eletrônicas. Apesar de serem temas de enorme importância para a compreensão de nossa atual conjuntura, tais dados recém poucos dados e são praticamente inexplorados e analisados. Vale salientar que o texto *Para menores* traz um link para a pesquisa.

Página F3 – a página traz **duas matérias**, um sobre um site que permite aos usuários saberem o quais músicas estão sendo produzidas e ouvidas nas principais cidades do mundo e outra que traz as novas inovações do iGoogle, serviço da empresa Google. Também traz **um “olho”** sobre a opinião de Mike Elgan, do site Datamation, que acredita que o Facebook está fadado a acabar.

- *iGoogle permite jogar e compartilhar com amigos – Página inicial de serviços do Google se torna mais social ao incorporar 19 novos aplicativos, como lista de afazeres, palavras cruzadas e jogos*

- *Ouçã a trilha sonora do mundo no CitySounds – Site mostra seleção de músicas de grandes cidades, como São Paulo, Tóquio, Londres e Berlim.*

Página F4 – Traz **duas matérias** sobre a temática anunciada na capa do caderno, as novas redes sociais de jogos on-line. Também traz um olho [+] sobre o possível lançamento de um jogo em rede no Brasil.

- *Rede social dá novo gosto a jogos on-line – Sites integram ferramentas como o Twitter e permitem convidar amigos para partida multijogador.*

- *Mundos virtuais conquistam milhões de participantes – Brasileiros enfrentam barreira do idioma nas maiores comunidades, mas têm opções nacionais.*

Página F5 – ainda sobre a temática jogos on-line, a página traz **três matérias**, uma sobre os “jogos sociais” que existem dentro de redes sócias como o Orkut e o Facebook, uma sobre videogames que possuem conexão à internet, e outro sobre um documentário que trata da questão de jogos que criam uma segunda identidade em seus usuários.

- *Conexão amplia as funções dos consoles – Conversar com amigos e compartilhar conteúdo pela internet são vantagens de Xbox, Playstation e Wii.*

- *Facebook e Orkut entram na jogada.*

- *filme conta como jogos on-line mudam vida real.*

Página F6 – A página apresenta **quatro matérias, uma seção com respostas a dúvidas de leitores e uma seção chamada primeiras impressões**, onde um celular que conta os passos do usuário é analisado pelo editor do caderno. Traz uma matéria principal que fala de um evento que debate como as narrativas estão se utilizando da linguagem multimídia para contarem histórias, e como essas formas são usadas na cultura e na educação. Também traz duas sub-matérias, uma que trata de como os sistemas de localização e celulares ajudarão a contar essas histórias e outra que fala como o twitter será utilizado para criar novas histórias de seriados televisivos.

Outra matéria aborda como as mensagens pagas começam a crescer no Twitter.

- *Pensadores falam do futuro das histórias – Evento reúne especialistas para discutir impacto das novas mídias e tecnologias na educação.*

- *Twitter será usado para criar história alternativa em seriado.*

- *Sistema de localização e celular irão contar histórias, diz Long.*

- *Mensagens pagas começam a ganhar terreno no Twitter*

- *Aprenda a ativar o recursos de hifenização no editor Word.*

- *Celular conta passos, mas não promete exatidão.*

Página F7 – esta página é **dedicada à seção testeUSP**, onde um aparelho é testado por pesquisadores da Universidade de São Paulo. Nesta edição, o aparelho analisado foi sistema de som Home Theater.

- *Som é destaque em novo home theater- Sistema da Philips também traz recurso para melhorar a imagem apresentada e tem caixas de design elegante.*

Página F8 – **Traz duas matérias e um olho.** Uma matéria fala de um concurso que busca eleger a “garota mais bonita e popular da rede social Orkut.” Outra matéria trata de uma exposição sobre arte interativa. O olho fala de uma exposição sobre a trajetória das telecomunicações.

- *Garota Orkut – Concurso Garota Social quer eleger a menina mais bonita e popular da rede social.*

- *Público interage com arte eletrônica na Pixel Park – Exposição na Casa Bola, em São Paulo, reúne projetos multimídia, como tela multitouch.*

4.1.1.4 Edição de quarta-feira, dia 26 de agosto de 2009

Capa: A **matéria de capa**, cujo título é *Realidade Aumentada – A mistura entre o real e o virtual está prestes a fazer parte do seu dia a dia; saiba mais sobre essa tecnologia*, se propõe a mostrar as novas tecnologias que aproximam os mundos real e virtual. A matéria continua nas páginas F4 e F5.

Página F2 – Esta página, assim como nas edições anteriores, busca trazer, de forma breve, os principais acontecimentos relacionados ao mundo da informática, como o número crescente de vendas de músicas digitais, dos acordos entre empresas da

internet etc. Ela também traz **três pequenas matérias, seção de quadrinhos e a seção eventos on-line.**

No canto superior esquerdo da página, um dado bastante relevante é trazido à tona através de um **pequeno texto.** É a relação entre empregadores e o perfil de possíveis funcionários nas redes sociais. A pesquisa mostra que muitas empresas buscam informações sobre os candidatos nestas redes, trazendo em seguida alguns prós e contras dessa prática. Apesar de bastante importante, tal dado recebe pouca atenção, sendo a página focada em matérias de cunho mais factual.

- *Cansado de furtos em sua loja, comerciante posta vídeos dos flagras.*
- *Programador é indiciado por invasão.*
- *Comprador é investigado e PirateBay cai*

Página F3 – Esta página contém **duas matérias**, uma principal sobre programas de correção ortográfica para as novas normas gramaticais da língua portuguesa e outra sobre a entrada da Nokia no mercado de netbooks.

- *Corretor deixa de marcar tempos errados – Programa falha por não seguir o ‘Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa’; revisão gramatical é deficiente.*
- *Nokia vai entrar no mercado de netbooks.*

Página F4 – A página possui **três matérias** sobre a temática anunciada na capa do caderno, a realidade aumentada. Segundo as matérias, a realidade aumentada é a sobreposição de elementos virtuais no ambiente real, o que a difere da realidade virtual, onde o mundo real deixa de existir. A página também traz um esquema explicativo demonstrando como ocorre esse processo de captura de imagens e projeção virtual.

- *Realidade aumentada une virtual ao real – Técnica que sobrepõe elementos pode ser vista em anúncios e games e deve interferir na medicina e na literatura.*
- *Tecnologia chegará às compras do dia a dia.*
- *Avanços possibilitam mistura de realidades em celulares.*

Página F5 – A página possui **2 matérias** que ainda exploram a temática da realidade aumentada, trazendo perspectivas de aplicação da técnica em games, literatura e educação. Além disso, a página traz impressa **um marcador de realidade** aumentada, juntamente com um texto explicativo de como usá-lo. Se o leitor desejar e possuir os

requisitos técnicos necessários, poderá fazer um teste dessa nova tecnologia em seu computador.

- Técnica pode guiar personagens de jogos – Realidade aumentada engatinha no mundo dos jogos; livros infantis já incluem experiências com a tecnologia.

- Sites e livros trazem mais informações sobre o assunto.

Página F6 – Traz **quatro matérias**, duas sobre a implementação de sistemas de cobertura de internet gratuita em algumas cidades do país. Outra matéria apresenta o menor celular do mundo e outra traz informações sobre um programa gratuito de edição e organização de fotos digitais.

As matérias que tratam da questão de acesso gratuito à internet por meio do poder público são bastante pertinentes, visto que este debate se torna cada vez mais difundido em todo o mundo. No entanto, pouco é aprofundado sobre os reais implicações e interesses por trás de tais medidas.

Página F7 – Traz **duas matérias** e alguns **pequenos textos** sobre sites da internet.

Uma matéria trata do lançamento de um novo game e outra traz dicas de como melhor utilizar as redes sociais.

- Bandidos armam cilada para Batman – Arkham Asylum reúne Coringa, Pingüim, Charada e outros vilões para dar trabalho ao homem-Morcego.

- Supertwitter dá dicas para aproveitar melhor o microblog.

Página F8 – A página intitulada Consumo, assim como o seu nome indica, traz **quatro análises** aparelhos celulares com capacidade para receber o sinal digital de TV. Também traz fotos e pequenos textos sobre outros produtos eletrônicos, como notebooks, videogames, celulares e players.

- TV de bolso – Mais econômicos que as TVs de casa, os portáteis são uma boa opção para ver programas no sistema digital.

- TPD-100 cabe fácil no bolso e tem imagem de qualidade.

- Celular com TV analógica tem imagem ruim.

- Aparelho da LG faz foto de cenas transmitidas pela TV.

4.2.1 O Estado de São Paulo – caderno *Link*

Serão apresentadas abaixo as matérias jornalísticas presentes no caderno de informática do Jornal O Estado de São Paulo, dos dias 3, 10, 17 e 31 de agosto de 2009. A edição do dia 24 foi desconsiderada aleatoriamente para que a comparação entre ambas as publicações abrangesse um mesmo número de cadernos.

4.2.1.1 Edição de segunda-feira, dia 3 de agosto de 2009

Capa: A capa traz **uma matéria** com o tema do caderno: a segurança de nossos dados on-line. A matéria prossegue nas páginas L2 e L3.

A matéria é bastante pertinente pois, ao invés de simplesmente divulgar uma nova tecnologia, ela se propõe de certa forma a analisar como se dá o armazenamento de nossos dados na rede, seja através de mensagens na internet como em mensagens de celular. Ela é bem sucedida ao trazer entrevistas com pesquisadores da área, inovações que permitem maior segurança na rede e também informações sobre a legislação que vigora no que tange a essas informações.

- Cuidado com o que você faz online – Trancar ou liberar? Apagar ou guardar? E-mails e fotos já estão espalhados na internet. Devemos nos preocupar?

Página L2 – A página possui **uma matéria** sobre o uso de redes sociais e **duas entrevistas** com especialistas que falam sobre segurança e privacidade na rede. Além disso, também apresenta um **Box com um “Código de conduta online”** e também uma **seção intitulada passo a passo**, que traz informações de como descobrir quem te deletou no MSN.

- Internet amplifica gafes e deslizes – Campeão de velocidade em espalhar pisadas na bola, Twitter é proibido na Casa Branca e tem cartilha no reino Unido.

- Entrevistas: Roxana Geambasu e Luiza Lobo.

Página L3 – Nesta página, numa seção intitulada “Saiba como”, observamos **um diagrama** com várias dicas de como manter a privacidade na rede e como evitar de passar por qualquer transtorno futuro oriundo de uma mensagem enviada para a internet e da qual o emissor já não mais possui controle.

Algumas das dicas apresentadas são: “Pense bem quem são as pessoas da sua rede antes de publicar fotos, testemunhos e informações pessoais, principalmente se entre seus ‘amigos’ estão pessoas de pouca intimidade.”; “evite publicar fotos e vídeos – seus ou de amigos em situações desagradáveis. Hoje pode ser engraçado, mas os serviços são públicos. Cedo ou tarde, os arquivos podem se virar contra você.”; “pense e repense antes de enviar uma mensagem. Uma vez enviada, você não tem mais controle sobre o destino dela e quanto tempo ela ficará guardada.”

Página L4 - esta página nos traz **uma matéria** principal e **dois boxes** que tratam das URLs e de como estas estão se tornando cada vez mais compactas e perdendo espaço na rede. As matérias frisam que as URLs são códigos para máquinas e, com a disseminação de sites de busca e novas tecnologias que permitem que os usuários acessem as páginas on-line sem ter que digitar a URL, este código cai cada vez mais em desuso.

As informações são bastante interessantes pois demonstram como os hábitos e práticas nas redes são alterados com a disseminação de novas ferramentas e tecnologias, e também busca trazer algumas implicações na nossa forma de navegar, de vender e comprar produtos e até mesmo de pensar.

- Endereço de site pode estar com seus dias contados – Google, redes sociais, serviços que abreviam os sites e acesso via celular poder dar fim, em breve, a uma das instituições mais tradicionais da web: a URL.

- Boxes: Qr Code; Buscadores

Página L5 – A página contém **uma entrevista** com Ian Jacobs, membro da entidade norte-americana W3C, que possui membros que foram criadores da URL; **Uma pequena matéria** sobre como a segurança online fica prejudicada com o declínio do uso direto das URLs; Também traz **3 boxes** sobre ferramentas e dicas de como utilizar os links nas redes sociais, encurtadores de URL e novas regras de cadastro de endereços na web.

- Entrevista: Ian Jacobs, da W3C

- Matéria: Declínio das URLs reforça atenção com segurança.

- Boxes: redes sócias; encurtadores; novas URLs

Página L6 – A página é dedicada a **um artigo opinativo** de Pedro Doria, colunista do caderno. Com o título *Microsoft + Yahoo ou Twitter? Twitter!*, a coluna analisa a fusão da Microsoft com o Yahoo e a mudança da página inicial do Twitter. O artigo mostra o que representa em termos comerciais e implicações na qualidade das buscas a junção das duas empresas, assim como o papel do Twitter como primeiro buscador em tempo real do mundo.

Página L7 – A página possui **duas matérias** e uma **seção chamada “blog”**, que traz as datas de eventos e acontecimentos relacionados à internet.

- *Transmídi, ‘Avatar’ é marco zero do novo 3D.*
- *Meca pop reúne nerds que são ‘super-heróis’.*

Página L8 – Encontramos nesta página **uma matéria** sobre o cientista e ‘futurólogo’ Ray Kurzweil, trazendo algumas de suas idéias sobre a integração homem-máquina e algumas de suas invenções. Os **dois boxes** existentes são complementares à matéria. Num deles observamos algumas das invenções de Ray e no outro o assunto é um documentário sobre Kurzweil. Apesar da matéria apresentar com certo entusiasmo as idéias do cientista, o Box sobre o documentário, apesar de menor que a matéria, demonstra que muito do que Kurzweil pensa sobre o futuro das máquinas não é compartilhado por diversos outros especialistas.

- *No futuro, as cabeças estarão em rede – Renomado cientista projeta seres humanos imortais, robôs com alma e cérebros descarregados na internet.*

4.2.2.2 Edição de segunda-feira, dia 10 de agosto de 2009

Capa: A **matéria cobre a visita de Mark Zuckerberg**, presidente do Facebook, ao Brasil. A reportagem traz dados sobre o desenvolvimento dessa rede social, assim como as impressões do empresário sobre as demais redes e as ampliações de seu negócio.

- *O dono do Facebook de perto – Visita do jovem bilionário, que pode ser o próximo Bill Gates, tem objetivo de “explicar quem somos e o que fazemos”*

Página L2 – Encontramos nesta página **uma matéria** sobre as câmeras fotográficas digitais, sejam as tradicionais, de celulares ou semi-profissionais. Além da matéria, do lado direito da página, uma **série de fotografias trazem dicas de como se tirar boas fotos**, como enquadramento, profundidade de campo etc.

- Acredite, sua câmera é capaz de boas fotos – Digital mudou (quase) tudo na fotografia a ponto de criar uma ‘cultura da câmera’; Link traz dicas para acertar no clique.

Página L3 – A página apresenta **um diagrama** com diversas dicas de como comprar um bom equipamento fotográfico, como configurá-lo adequadamente, definição das cores e imagens etc. Algumas dessas dicas são: “Prefira câmeras com lentes do tipo grande-angular. Elas aumentam o campo de visão da câmera, permitindo uma captação mais parecida com a visão humana”; “Quanto maior o zoom óptico, melhor. Como dependem de lentes decentes para alcançar bom zoom, as câmeras com zoom superior a 8x tendem a ser melhores do que as com menos”; “Experimente tirar uma foto com a câmera antes de comprá-la. Se puder, visualize a foto em tela de computador, não no visor da câmera, pois as pequenas dimensões de tela mascaram a sujeira digital.”

Página L4 – A página também é dedicada à fotografia digital. Traz **duas matérias**, uma sobre as novas tendências do mercado e lançamentos de equipamentos com recursos como fotos em 3D, tela touchscreen, super-zoom etc, e outra matéria sobre o sucesso de celulares com câmeras digitais cada vez melhores, tornando-se assim concorrentes diretos para o mercado das fabricantes de máquinas fotográficas. Também traz uma **seção de testes** de equipamentos fotográficos, que se estenderá até a página L5.

- Em baixa, fotografia aposta em novidades para reagir – Preços das câmeras caem um pouco e as vendas patinam; mas os fabricantes afastam a crise com muitos lançamentos na feira PhotoImage que começa amanhã.

- Celulares provam que qualidade não é tudo.

Página L5 – A página é dedicada a **seções de testes** sobre as novas câmeras fotográficas digitais, trazendo especificações técnicas, vantagens que os produtos apresentam e seus preços praticados no mercado.

Página L6 - É apresentada nesta página **uma matéria** sobre a rede social infantil Migux, destinada a crianças e adolescentes. A matéria é seguida por **um Box** que demonstra como a rede foi desenhada para manter um controle sobre as crianças, como IPs registrados, conversas monitoradas e filtro de palavras.

Também é apresentada **uma pesquisa** encomendada pelo Google sobre as redes sócias no Brasil, trazendo dados relevantes sobre os sites mais freqüentados, números de usuários, sites conhecidos mas não usados, sites desconhecidos e imagem dos usuários sobre os sites.

- No Brasil, Migux tem mais usuários do que o Facebook – Rede infantil foi criada por mãe que não queria deixar os filhos entrarem no Orkut; pesquisa revela hábitos nos sites.

Página L7 – A página contém a **coluna fixa** “Navegar Impreciso”, de Pedro Dória. O artigo dessa edição trata dos ataque de hackers russos aos sites Livejournal, Facebook e Twitter, ocasionando a queda parcial deste último. O colunista aborda as motivações do ataque, realizados em retaliação a “um blogueiro político da Geórgia que assina Cyxymu.” Também encontramos no lado esquerdo da página **pequenos textos sobre acontecimentos e lançamentos de sites e programas na rede.**

- O conflito que travou o Twitter.

Página L8 – A página é destina a uma matéria sobre Thiago Borbolla, criador do Judão, “um dos maiores portais de cultura pop no país.” Também encontramos no canto inferior direito uma série de quadros de páginas e portais na internet, com pequenos textos apresentando-os.

- Nove anos de cultura pop na internet – O Judão, um dos mais populares sites sobre entretenimento do Brasil, mudou de endereço e agora está na MTV.

4.2.2.3 Edição de segunda-feira, dia 24 de agosto de 2009.

Capa: A **matéria de capa** é dedica aos blogs e o seu futuro frente a novas formas de autopublicação, como o Twitter e o Facebook. A temática continuará a ser discutidas nas páginas L2, L3 e L4.

- O que acontece quando todos blogam – Se todos os sites permitem a autopublicação, por que ainda tratamos a ‘blogsfera’ como uma entidade isolada?

Página L2 – O conteúdo da página é representado por **uma matéria** que discute o futuro dos blogs. Em complemento à matéria, no centro da página, alguns blogueiros brasileiro dão sua opinião sobre o assunto. A página também traz a **entrevista com Steve Rubel**, ex-blogueiro e diretor de insights da Edelman Digital, onde ele fala de sua opção por abandonar o blog e aderir à microblogs, como o Twitter.

- É o fim dos blogs ou só da blogsfera? – Quando todos publicam online, não faz mais sentido falar em uma entidade à parte; mas a ferramenta segue firme.

Página L3 – **A seção “Saiba Como”**, traz dicas para os leitores de como montar um blog. Através de um diagrama explicativo, que separa blogs pessoais de blogs profissionais, várias informações sobre como se criar uma conta, o layout do blog, widgets etc.

Página L4 – Na **coluna “Navegar Impreciso”** desta edição, Pedro Doria aproveita a temática dos blogs para escrever sobre o fechamento de seu blog. Ele discute a relação de proximidade entre o blogueiro e seus leitores, demonstrando que, diferentemente do jornalismo convencional, o blogueiro não é mais o dono da verdade, mas sim um participante de uma rede de discussões onde muitas vezes deve ceder a outras opiniões.

A página também traz **um box** com a retrospectiva dos principais eventos que envolveram os blogs no Brasil.

- O dia em que matei meu blog

Página L5 – Encontramos nesta página **uma reportagem** sobre o Blog do Planalto, lançado pela presidência da república para contar os eventos diários do presidente Lula. A página traz uma fotografia da página inicial do blog.

No lado inferior direito da página também encontramos uma **seção com alguns acontecimentos referentes ao mundo da informática**, como a prisão de um hacker brasileiro, e uma montagem feita por um internauta com a figura do presidente dos EUA Barack Obama que foi retirada da rede social Flickr.

- *A uma semana de seu lançamento, blog de lula começa a receber críticas – Depois de sucessivos adiamentos, site não será atualizado pelo próprio presidente e não terá área de comentários.*

Página L6 – A página é dedicada à análise de games eletrônicos lançados e novos videogames. São *três matérias* que cobrem as novidades no mundo dos games.

- *Com PS3 novo, Sony volta ao combate – empresa japonesa reage à má fase na Gamescon, maior feira de games da Europa, onde apresentou até novo controle.*

- *Precisão no controle deixa o Wii ainda mais divertido.*

- *'Salvation' vale apenas para fãs de 'Exterminador'.*

Página L7 – Nesta página encontramos duas matérias, uma sobre os problemas de lentidão da internet móvel 3G e outra sobre o filme 3D Avatar, que usará tecnologia 3D em suas filmagens.

- *Lentidão põe em xeque a web móvel – Descompasso entre investimentos nas novas redes e alta demanda dos usuários provoca desilusão com o 3G.*

- *'Avatar' aos poucos ganha forma e impressiona muito – Link assiste a 15 minutos do misterioso filme em 3D de James Cameron.*

Página L8 – A página traz a seção fixa “Vida Digital”, que nesta edição apresenta **uma reportagem** com Mark Warshaw entusiasta das narrativas transmídias. Para complementar a matéria, **dois boxes** trazem informações sobre o gênero narrativo: um mostra os principais trabalhos de Warshaw e o outro mostra as narrativas transmídia ao longo do tempo, mostrando que o livro *As mil e uma noites*, assim como a *Bíblia* podem ser encarados como exemplos desse gênero narrativo.

4.2.2.4 Edição de segunda-feira, dia 31 de agosto de 2009

Capa: A **matéria de capa**, sobre a temática da distribuição digital de vídeos, levanta algumas questões pertinentes sobre o futuro das mídias físicas, como os CDs e DVDs, questionando se a internet poderá substituir essa forma de veiculação. O tema será explorado bastante nesta edição, contando com matérias sobre o assunto das páginas L2 a L5.

- Cadê o DVD que estava aqui? – Hollywood e videolocadoras apostam na sobrevivência da mídia física, mas a distribuição digital já é uma realidade.

Página L2 – A página traz **quatro matérias** sobre a distribuição digital de vídeos. Na matéria principal da página, informações sobre o mercado de aluguel de filmes e como as videolocadoras estão se adaptando à web são apresentadas à luz de entrevistas com donos desses estabelecimentos e com estudiosos do assunto. Outra matéria trata da briga entre as maiores videolocadoras estadunidenses e de como estas estão perdendo espaço no mercado de mídias físicas.

As duas outras matérias abordam a questão da recomendação de filmes através da rede, demonstrando que blogs e programas capazes de indicar os filmes mais adequados a cada cliente estão mudando a forma como selecionamos quais vídeos iremos assistir.

- Locadoras mudam para não morrer – É cada vez mais na internet que as pessoas pegam filmes, por isso as lojas apostam em nichos para continuar abertas.

- Pequenas brigam por espaço no mercado norte-americano.

- Recomendação online de filmes é a próxima fronteira.

- Blogs podem ser fonte de inspiração para lojas.

Página L3 – Na **seção “Saiba Como”** desta edição, diversos sites que disponibilizam filmes e vídeos por streaming são apresentados. São avaliadas suas principais vantagens e desvantagens.

Página L4- A página traz **um “guia de compras”** sobre aparelhos leitores de Blu-ray e DVD, além de **uma matéria** que discute a inserção do modelo Blue-ray no mercado e as suas perspectivas de crescimento frente à internet.

Página L5 – Encontramos nesta página **duas reportagens** e um **espaço destinado a apresentar as novas tecnologias referentes ao cinema**, como um player de filmes 3D e uma poltrona que realiza os movimentos apresentados na tela. Das duas matérias desta página, uma trata do poder do streaming em substituir as mídias físicas e outra mostra como os produtores de filmes reagiram de forma contrária, num passado recente, à venda de aparelhos de videocassete, pois acreditavam que estes teriam o potencial de acabar com o cinema.

- *Streaming pode extinguir todo e qualquer disco – Com a popularização do hábito de assistir a filmes por serviços online, e estima-se que isso aconteça em quatro anos, a mídia física perderá espaço.*

- *Hollywood foi contra o cinema em casa.*

Página L6 – Além da **coluna fixa “Navegar Impreciso”**, de Pedro Doria, a página ainda traz **duas pequenas matérias**. A primeira fala de um projeto de lei que prevê a obrigatoriedade do diploma de curso superior para as profissões de analista de sistemas, cientistas da computação e processamento de dados. A segunda matéria fala da polêmica que envolveu Xuxa e sua filha no Twitter, após esta ter digitado uma palavra errada e causado enorme reação dos seguidores. O artigo de Pedro Doria discute como o jornalismo deverá se reformular para conseguir contar as histórias na rede, demonstrando que muitas vezes uma fotografia pode servir mais do que um parágrafo bem escrito para atrair o leitor.

- *Matérias: Projeto polêmico quer exigir diploma para a profissão de analista de sistemas; Xuxa e o Twitter: uma relação tumultuada e pouco duradoura.*

- *Qual última notícia lhe chamou atenção?*

Página L7 – Observamos nesta página **uma matéria** que foge um pouco da temática principal da edição. A reportagem fala de uma nova tecnologia de acesso à internet por meio da fiação telefônica, apresentando algumas de suas vantagens e desvantagens e as formas ainda indefinidas de como o serviço será legislado e explorado.

Também encontramos nesta página uma **seção que traz algumas das novidades no mundo dos aparelhos eletrônicos e de ferramentas da internet**.

Página L8 – Na **seção “Vida Digital”** desta edição, o entrevistado é Chad Hurley, co-fundador do site de vídeos YouTube. A reportagem aborda o crescimento do site e como este tem se reformulado para atender as novas necessidades dos usuários. Nos lados direito e esquerdo da matéria encontramos **dois boxes** que mostram os principais acontecimentos e mudanças apresentadas pelo site desde sua criação, em 2005.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE

5.1 Análise do corpus

Após termos apresentado os elementos que balizarão nossa análise, cabe aqui especificar nosso recorte analítico.

Num plano mais geral, podemos dizer que as edições dos jornais analisados são o nosso texto, local de onde partiremos para apreender e interpretar o discurso, através de enunciados que consideramos significativos desse discurso.

Sendo assim, é preciso que neste primeiro momento façamos uma constatação um pouco óbvia: nosso material textual de análise é uma editoria semanal dentro de um conjunto textual maior, o jornal de determinado dia da semana (no qual nosso caderno é veiculado). Além disso, o jornal diário é um texto que está dentro de outro texto mais abrangente, de um conjunto textual maior que seria o de todos os jornais da empresa, tanto de dias (edições) anteriores e também das edições futuras. Teríamos então um arquivo de todos os textos do jornal (empresa). Ainda assim, o conjunto de textos não se esgota aí, já que, em última instância, esse arquivo está em concomitância com outros arquivos de jornais, tanto de nosso país, como de todo o mundo.

Isso quer dizer que, ao selecionarmos determinado texto jornalístico – no nosso caso o caderno de informática será entendido como o texto mais amplo de nossa análise – não podemos nos esquecer que esse texto ocorre junto com outros textos.

Dessa mesma forma, também podemos tomar o discurso por essa mesma ótica. Ou seja, podemos falar em discurso jornalístico somente em relação a outros discursos mais ou menos “específicos”. Cabe, portanto, dizermos que o nosso discurso será tomado como a expressão material (texto) da relação entre as diversas condicionantes históricas, lingüísticas, ideológicas e enunciativas de forma inter-relacional, assim como com outros discursos.

Temos, portanto, num espectro maior de nosso corpus analítico a constituição de um discurso que chamaremos de **discurso jornalístico-tecnológico**.

Isso de forma alguma reduz sua abrangência, mas sim o coloca dentro de uma materialidade lingüístico-histórica condicionada pelo recorte.

Buscaremos interpretar esse discurso jornalístico-tecnológico, essencialmente, dentro da temática selecionada como fio condutor de cada uma das edições selecionadas, o que em nosso trabalho significa a matéria de capa e as outras matérias

que se juntam nesse corpo textual (que são delimitadas no “leia mais nas páginas x,y,z ...”).

Faremos isso devido ao grande número de matérias presentes na totalidade do material selecionado e que, por isso, inviabiliza sua análise item por item. Tomamos tal decisão de maneira pensada, o que significa assumir que estamos fazendo um “recorte do recorte”. Assumimos, portanto, o direcionamento analítico e sua delimitação e, assim, buscaremos a interpretação de **determinado** (um dentre os diversos possíveis) discurso jornalístico-tecnológico, e não **do** discurso jornalístico tecnológico.

Feito isso, selecionaremos alguns enunciados que consideramos representativos desse discurso jornalístico-tecnológico e, dessa forma, apresentando como através do ato de enunciar as diversas vozes e condicionantes da produção se expressam.

Seguiremos uma ordem cronológica de análise, apresentando os enunciados respectivos na mesma ordem em que aparecem nas respectivas edições, assim como nas matérias dentro das páginas dessas edições. Seguiremos, em suma, aproximadamente a mesma ordem em que as descrevemos no capítulo anterior (**4.1 Apresentação descritiva do material**), assim como utilizaremos a numeração de páginas apresentadas na edição (no caso da Folha F1, F2, F3 etc e, no caso do Estado de São Paulo, L1, L2, L3 etc)

- Folha de São Paulo: edição de 5 de agosto de 2009.

O fio condutor desta edição, sua temática principal, são os netbooks.

Em **F1** tomemos o primeiro parágrafo, considerando-o como enunciado.

“Pequenos, baratos e modestos, os netbooks tomaram de assalto o mercado de tecnologia. O baixo custo tornou esses laptops ultraportáteis uma alternativa conveniente em meio à crise econômica mundial, período em que a nova categoria emergiu. Hoje, eles estão entre os poucos produtos de tecnologia com vendas em alta em tempos incertos.”

Na primeira frase, os adjetivos /pequenos/, /baratos/ e /modestos/ qualificam os netbooks, aparentemente, num certo tom depreciativo. A expressão seguinte /tomaram de assalto/, entra em contradição evidente com a descrição dos netbooks feita pelos adjetivos que a antecedem, já que se evidencia a força do objeto, capaz de abrir espaço

dentro do mercado de tecnologia. Dissemos isso apenas para demonstrar a importância da interpretação pois, tais adjetivos só podem ser entendidos dentro desse contexto. Numa enunciado, sob outras relações estabelecidas com uma frase distinta, pequenos, baratos e modestos poderiam simplesmente remeter o enunciatório a uma imagem negativa dos netbooks. Há certa ironia nesta relação, evidenciando uma possível abstração entre o enorme poder (tomar de assalto o mercado) contido numa pequena e modesta ferramenta tecnológica.

Quando se diz mercado de tecnologia, associando a palavra tecnologia à palavra mercado, podemos interpretar tal junção como bastante significativa de uma noção cristalizada no senso-comum sobre o que é tecnologia. Ou seja, tecnologia é simplesmente tratada como um produto com determinado valor comercial, um objeto icônico que significa por si só. Como buscamos tratar no primeiro capítulo deste trabalho, tecnologia e sociedade caminham de mãos-dadas, sendo que uma é indissociável da outra. Além disso, a palavra tecnologia é associada diretamente à qualidade de objeto, não sendo portanto encarada como um processo, algo muitas vezes imaterial (ex: alfabeto).

O advérbio /hoje/ coloca o objeto num período temporal evidente. Já as expressões /em meio à crise econômica mundial/ e /tempos incertos/, se de certa forma também delimitam esse espaço temporal, o fazem de maneira a evidenciar um conceito, um recorte do que se entende por sociedade. Isso quer dizer que, o enunciador pressupõe que o leitor entenda o mundo como totalmente ligado, existindo uma “economia mundial”. Não estamos negando essa relação, mas relativizando-a, já que uma tribo indígena isolada também faz parte do mundo, mas com uma economia própria. Portanto, essa frase subjaz, além do valor temporal, um julgamento do que é o mundo. O mesmo procede para a expressão /tempos incertos/, já que para uma família de agricultores que consome o que produz, o tempo incerto estaria mais relacionado a uma chuva forte que destruiria sua plantação do que às oscilações do mercado especulativo.

Obviamente que tais ponderações, apesar de possíveis, não são prováveis neste discurso, já que se pressupõe que o enunciatório, o leitor do jornal, está inserido no mesmo universo de significações do enunciador, seja de forma material, simbólica etc.

Podemos, então, evidenciar alguns dos conceitos da AD que aqui operam, como o esquecimento (existem mundos dentro desse mundo que o enunciado retrata), a paráfrase (omitir ou trocar os adjetivos e expressões associadas ao objeto netbook

poderiam produzir outros sentidos). Vale lembrar que a ideologia opera neste enunciado, não sendo tomada como algo ruim, mas sim como algo sempre presente, mesmo que se busque dissimular.

Ainda em **F1**, observemos o 4º parágrafo:

“Os primeiros modelos de netbook, categoria inaugurada pela Asus há dois anos, tinham acabamento tosco, teclados apertados demais e telas pequenas e de baixa resolução. Mesmo assim, as vendas surpreenderam, e boa parte dessas limitações foram vencidas em encarnações posteriores.”

Esse enunciado traz uma construção própria de um sentido, onde observa-se a superação das limitações da máquina e sua evidente superação. O objeto netbook é mais uma vez tomado como auto-referente, já que num primeiro plano textual observamos ele (o netbook) percorrendo por si só um caminho evolutivo. Podemos aludir essa interpretação ao mito do progresso de DUPAS (2007). Essa interpretação ganha força com a palavra /encarnações/ já que humaniza o objeto, dando uma “alma”.

Em **F4**, tomemos os parágrafos 2 e 3.

“Barato, ultracompacto e resistente a adversidades físicas, o laptop XO-1 foi idealizado por Nicholas Negroponte, pesquisador do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). Em 2005, ele fundou a OLPC (um laptop por criança, na sigla em inglês), ONG cujo objetivo é incluir no mundo digital crianças dos recantos mais carentes do planeta”

Podemos interpretar dois sentidos fundamentais: o laptop se mostra como ferramenta inclusiva, como capaz de alterar de forma direta ou indireta uma condição material (pobreza), esquecendo dessa forma as condições estruturais da pobreza (quais as causas da pobreza?). O enunciador se apóia em sua construção enunciativa num objeto positivo (netbook), num indivíduo (Negroponte) e na ciência (MIT) para, dessa forma, estabelecer uma ligação entre esses elementos (tecnologia, ação individual e ciência) para reverter uma situação de pobreza. Podemos observar aí o papel fundamental da memória, buscando significações em outros discursos (o tecnológico, o

empreendedor e o científico) cristalizados, se apropriando deles para, dessa forma, se afirmar como enunciação.

“A organização perdeu funcionários, o mítico preço de custo até hoje não foi atingido e o interesse de governos não foi tão grande quanto o esperado. Mas a utopia humanista de Negroponte está na gênese de um dos maiores fenômenos recentes de consumo: os netbooks.”

Este enunciado estabelece uma relação direta com o enunciado que o antecede, num movimento de antítese e relativização. Ele desconstrói o objetivo da ONG, mostrando-o inatingível, seja pelas condições internas da organização, do interesse dos governos e do próprio impedimento de um preço baixo não atingido. No entanto, o papel emancipador da tecnologia se mantém (utopia humanista), reforçado na figura da vontade individual (Negroponte), mas realizável agora, pelo mercado, entrando na “gênese de um dos maiores fenômenos recentes de consumo”. Ao tratar a questão dessa forma e não de outra (paráfrase), assume-se uma construção ideológica onde a tecnologia é a chave para a mudança social, assume um valor positivo.

Vale ressaltar que o locutor do enunciado se presentifica através de uma voz que assume como sua, mas dissimula-a. Pedimos ao leitor, mais uma vez, que não encare esta interpretação como livre e que busca um real, mas como uma tentativa de evidenciar como a história e a ideologia falam na voz desse locutor, mesmo que essa construção enunciativa não tenha sido premeditada.

Em **F7**, no primeiro parágrafo:

“o Eee PC 1008Ha, da Asus, é uma maquininha fininha, elegante e sincera: tem espessura de pouco mais de 2,5 cm, design sofisticado e boa performance.”

Talvez esse seja um dos enunciados que mais permitem uma interpretação sobre a tecnologia elevada à categoria de fetiche. Em /maquininha fininha, elegante e sincera/ observa-se uma construção enunciativa que busca seduzir o leitor. A máquina ganha status de humanização, deixando de ser apresentada como uma ferramenta e sendo

representada como um ente, um ser capaz de estabelecer um relação de cumplicidade com o leitor a fim de torná-lo um usuário.

O locutor não dá as caras neste enunciado e, portanto, a voz do enunciador se oculta no próprio ato da enunciação, tornando a relação de cumplicidade entre homem e máquina mais livre de entraves, mais direta.

- Folha de São Paulo: edição de 12 de agosto de 2009

O tema central desta edição são as máquinas fotográficas digitais.

Em **F1**, no primeiro parágrafo.

“Estamos indo de volta para o futuro. Com muita tecnologia e recursos capazes de atrair até mesmo fotógrafos profissionais em busca de uma segunda câmera para momentos de lazer, as novas compactas digitais mostram que o estilo retrô – aquele que faz coisas novas parecerem velhas – chegou de vez ao mundo da fotografia.”

Na primeira frase, “estamos indo de volta para o futuro”, observa-se uma clara alusão na forma de trocadilho com um outro texto, no caso o filme “De volta para o futuro”. Essa passagem é significativa para mais uma vez demonstrar a não-linearidade do texto, mostrando-o como capaz de estabelecer, por meio da enunciação uma referência a um objeto externo ao texto. Quando o locutor assume a primeira pessoa do plural (nós), ele se mostra para o leitor não como um jornalista que trará a informação, a novidade, mas se coloca numa posição de igualdade, “quebrando o gelo” com o locutário. Além disso, a referência a um filme da cultura de massa, amplamente divulgado e conhecido num imaginário coletivo, a enunciação ganha um tom lúdico.

Logo a seguir, na frase “com muita tecnologia e recursos capazes de atrair até mesmo fotógrafos profissionais”, a palavra /tecnologia/ assume um caráter positivo, sendo esquecidos outros lados e outras significações possíveis sobre a carga valorativa da palavra tecnologia. Quando o locutor diz que até mesmo um fotógrafo profissional se sente atraído por esse novo design de máquina fotográfica digital, ele traz uma provocação inerente a essa construção: se até ele (fotógrafo), que é um sujeito que possui uma autoridade no assunto (relação de força), se sente atraído, por que eu (locutário) não devo me sentir atraído também?

Quando se faz uma explicação em tom lúdico sobre o retrô /aquele que faz coisas novas parecerem velhas/ aumenta-se a cumplicidade com o leitor, num movimento enunciativo sedutor, provocador e irônico ao mesmo tempo.

Por fim ele termina afirmando que essas novas máquinas chegaram de vez ao mundo da fotografia, num tom conclusivo e até mesmo autoritário, mesmo que de forma lúdica.

Em **F4**, no 8º parágrafo:

“Para a professora de design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo) Denise Dantas, essa volta ao passado tem explicações claras. “Em se tratando de tecnologia, o que se vê nesse mercado é que os equipamentos são todos muito parecidos”, comenta ela.”

Novamente podemos observar a utilização da relação de força no enunciado. Aqui, o enunciador se utiliza do discurso direto, colocando a voz do locutor associada à voz da professora. O leitor poderá questionar: isso é uma construção jornalística “normal”, já que para o fazer jornalístico necessitamos de fontes. O que há de errado nisso? De errado, no sentido pejorativo, nada. O que ocorre é que essa construção no plano consciente ou inconsciente objetiva uma significação determinada, que poderá ocorrer ou não no leitor. Isso quer dizer, se a citação em discurso direto fosse feita por outra personagem, um açougueiro, por exemplo, ela não teria o mesmo “peso”, a mesma relação de força. Isso é bastante claro.

Para além desse aspecto mais evidente, se nos atentarmos para a própria construção do enunciado, tomando a mesma personagem (Denise Dantas), com o mesma posição/profissão que ela exerce, mas se sua descrição fosse apenas, Denise Dantas, professora universitária, a significação buscada seria de outra ordem. Além disso, a própria afirmação da autoridade da fonte é reforçada pela instituição a que pertence, a USP, conhecida em nosso país, no senso comum, como se não a mais, uma das mais importantes e renomadas.

Além disso podemos também pensar em como as condições da produção jornalística interferem no uso e descrição das fontes. Ter uma matéria com fontes é um dos pressupostos gerais do jornalismo, colocado como se fosse uma possibilidade de ouvir os lados de uma determinada questão. A imagem que o leitor tem do jornalismo, o

conceito do que a empresa (Folha) entende por jornalismo e mesmo o que o jornalista entende por jornalismo reverberam nessa opção enunciativa.

Em **F5**, na matéria *Destaque da WB1000 é a tela de Amoled*, no 1º parágrafo:

“As telas feitas de Amoled, que trazem melhor exibição da imagem e maior ângulo de visualização, já estão prontas para chegar aos compradores de câmeras digitais? Essa é a pergunta que fica depois do teste da nova Samsung WB1000, lançamento da PhotoImageBrazil.”

O locutor do enunciado estabelece de antemão que a nova tela da câmera é boa. Ele faz isso, partindo de um julgamento de valor feito por ele próprio, sujeito da enunciação que se realiza no enunciado (jornalista que testou a câmera) e o objetiva transpor para o enunciatário na forma de uma questão: quando esse nova tecnologia (positiva) estará disponível. A sua figura de locutor é elevada à posição de sujeito habilitado para ter feito a análise e tomá-la como uma generalização. Quando ele coloca “essa é a pergunta que fica depois do teste”, ele busca restringir as significações possíveis. Além disso, ao fim da matéria, aparece o preço sugerido da câmera e o site da fabricante. Esse pequeno detalhe pode levantar inúmeras questões do tipo: ele (jornalista ou empresa) foi levado a fazer o teste sob quais circunstâncias? Ele ganhou o novo aparelho do fabricante? O fabricante ofereceu alguma recompensa para o jornal fazer a análise do produto? Essas são apenas mais algumas dentre uma enorme gama de possibilidades e desdobramentos possíveis, que são levantadas a partir de uma leitura do texto mas não fechada estritamente nele.

- Folha de São Paulo – Edição de quarta-feira, 19 de agosto de 2009.

A matéria de capa, sobre Rede de Games é o elemento temático desta edição.

Em **F4**, no 5º parágrafo:

“Foi-se o tempo em que jogar videogame era uma ação restrita a pessoas que compartilhavam o mesmo espaço físico. Agora, da sala de estar, é possível participar de guerras mundiais, torneios esportivos e missões em plena Idade Média.”

O enunciado se constitui na base de duas oposições fundamentais: o passado/presente dos games e a relação entre real/virtual. A primeira oposição coloca as novas formas de se jogar (em rede) no tempo da atualidade. Para tanto ele nega um tempo passado, que assume as características e adjetivações de cunho negativo (foi o tempo, ação restrita).

Essa oposição que é manifesta num juízo de valor sobre os games em rede, também faz, por dedução, um julgamento valorativo do ato de estar ou não em rede, seja para jogar ou não. Podemos interpretar a partir dessas oposições, que o discurso aqui empregado estabelece pontes com um discurso maior, o da sociedade em rede.

Essa abstração interpretativa por nós adotada, também se repete na segunda oposição entre real/virtual. Através dos jogos que permitem “participar de guerras mundiais, torneios esportivos e missões em plena Idade Média”, essa oposição entre real/virtual é de certa forma desconstruída. Isso ocorre pois o “virtual” tende a encampar o “real” a partir do momento em que traz para si o sujeito e o coloca no papel de personagem de uma ação, diferentemente da passividade do sujeito no mundo real.

Essa tensão trazida por meio do fio condutor dos games pode ser entendida, portanto, como uma reverberação de outros discursos mais abrangentes que contém dentro de si o discurso mais específico sobre os jogos em rede. Observa-se, assim, o movimento dialógico estabelecido pelo/no ato da enunciação.

Em **F4**, na matéria *Mundos virtuais conquistam milhões de participantes – Brasileiros enfrentam barreira do idioma nas maiores comunidades, mas têm opções nacionais*, no 2º parágrafo.

“Em tese, quem está no Brasil pode acessar qualquer mundo virtual, mas o idioma pode ser uma barreira. Por isso, títulos como o Ragnarok Online e Cabal Online ainda são populares no Brasil. E não apenas por estarem traduzidos em português, mas porque Level-Up e Gamemmax, respectivamente responsáveis pelos jogos, adicionam conteúdo inédito com frequência.”

Esse enunciado, assim como o próprio título da matéria, fomentam mesmo que de maneira subjetiva, uma reflexão sobre o papel da cultura e da identidade nacional dentro dessa rede. A “barreira do idioma” dentro das redes de games traz consigo outras

vozes e conflitos subjacentes: como o indivíduo, no caso o brasileiro, terá acesso ao conteúdo amplo (re)produzido na rede? Como ele se comunicará? Ele terá que aprender uma nova língua para tanto? A rede possibilitará que ele mantenha sua língua através de um espaço exclusivo para esses falantes?

Os jogos, apesar de serem em português, possuem logo após seu nome, a palavra Online. Esse pequeno detalhe faz com que pensemos que a suposta barreira entre o português e o inglês não é tão clara assim, e as significações assumem novos níveis se incorporarmos esse jogo contraditório.

- Folha de São Paulo, edição de 26 de agosto de 2009

A temática desta edição é a realidade virtual aumentada

Em **F1**, no primeiro parágrafo:

“A invasão começou e você precisa se preparar. Não, não estamos falando de nada perigoso, e sim de objeto virtuais, que estão colocando o pé no mundo concreto por meio da realidade aumentada – uma técnica que mistura elementos virtuais com reais.”

O tom lúdico do enunciado é percebido pela proximidade que o locutor busca estabelecer com o leitor. Ele não se coloca na posição de jornalista, mas na posição de igualdade. A enunciação, através da ironia, coloca uma certa imposição: /você precisa se preparar/. Mais uma vez a tensão entre virtual/real é acionada e, novamente, essa nova /técnica/ é vista como um objeto icônico, realizando a ação por si só. O contexto em que ela foi criada, num plano mais profundo, é deixado de lado. Opera-se um esquecimento e, portanto, a ideologia é ocultada.

Em **F4**, no 3º parágrafo:

“E quem pensa que essa tecnologia ficará restrita a um só grupo, pode se preparar, A previsão é que ela afete o jeito como se faz medicina, como se lê, como se joga, como se anda pela cidade e até como se aprende.”

A realidade aumentada, nesse enunciado, aparece mais uma vez como fazendo-se a si própria e fazendo o mundo em que perpassa. Ela ganha estatuto de agente e,

dessa forma, condiciona a medicina, a leitura, etc. Há uma separação entre o objeto /realidade aumentada/ e os outros “objetos”, outras áreas do saber.

Nesse aspecto, observamos novamente o conceito cristalizado no senso-comum de que tecnologia é somente objeto material, e que age por si só.

- O Estado de São Paulo, edição de 3 de agosto de 2009

O fio temáticos desta edição é a segurança de nossos dados no espaço online.

Em **L1** observamos, de forma geral um encadeamento de enunciados objetivando trazer à tona uma discussão que quer se validar como pertinente, que quer se justificar: qual o trajeto de nossos dados na rede?

Talvez o ponto de análise mais rico nesta matéria seja o encadeamento dos enunciados que se desenrolam de forma a justificar o fio condutor. O enunciado chave desta matéria se materializa textualmente no último parágrafo de L1:

“Por não sabermos ao certo como nossos recados são guardados, é preciso prestar atenção à maneira como usamos a internet. Será que, afinal, uma ferramenta para apagar de vez nossas pistas na rede é realmente necessária?”

Ao concluir o enunciado lançando uma questão, ele propõe um volta ao já dito anteriormente no texto e o que será dito no outro (outras matérias dessa edição), assim como se usará da intertextualidade, de diversas vozes permeadas para construir sua lógica argumentativa.

Num plano mais abstrato, podemos observar que o enunciado, devido às condições de produção específica – no caso, a condição mais evidente é a que pressupõem um leitor-usuário da rede - uma conexão com outros discursos: qual o limite entre o público e o privado? Quem é o responsável direto pelos novos caminhos múltiplos pelos quais a mensagem circulará? Como, caso um usuário seja lesado por uma decorrência não esperada de sua mensagem deve se portar? Qual o marco legal e moral que se estabelece? etc são apenas algumas das questões e ligações que se estabelecem entre vários discursos, textos e intertextos.

Em **L2**, no 7º parágrafo, encontramos um enunciado que nos faz pensar sobre a motivação do enunciador: estabelecer/demonstrar um conjunto de parâmetros que

definem o que é certo/errado, um código de conduta dentro da rede que se difere de um padrão de comportamento fora da rede.

“Para a psicóloga Rosa Maria Farah, coordenadora do núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática da PUC-SP, um comportamento inadequado na web tem muito mais potencial de segregar um indivíduo do que um possível comportamento inadequado na vida offline. “Se você vai com a roupa errada a uma festa seus amigos podem tirar sarro de você. Quando você faz algo equivalente em um site de relacionamentos, essa reação pode ser crescer exponencialmente”, exemplifica.”

A oposição latente online/offline é aqui tratada num nível comportamental. Ao pressupor um leitor-usuário, ele busca fazer com que este enunciatário pense de forma separada o que é “real” e “virtual”. Neste enunciado (pensado de forma concomitante com os outros) alguns elementos da tecnofobia podem ser identificados: ao colocar o offline como espaço controlável pelos sujeitos ele se torna menos perigoso. Já o online, por permitir uma ampliação do leque de significações geradas a partir de determinada mensagem enviada, a idéia de controle discursivo pelo sujeito é relativizada, enfraquecida, operando em disjunção com uma falsa unicidade polifônica do discurso no mundo real.

Essa construção valorativa é justificada, no ato da locução, por uma especialista, a quem se atribui um valor de saber, de autoridade. O enunciador se afasta e dá lugar ao locutor, ao discurso indireto e direto, que de certa forma isenta do sujeito presente no ato da enunciação a carga valorativa do enunciado.

Em **L3**, na seção **saiba como**, tomando-a como um enunciado só, uma certa tecnofobia é novamente evidenciada. Aqui, o enunciador se utiliza da posição de força do jornal, de uma sessão fixa que pretende mostrar para o leitor como proceder. Observamos mais uma vez uma tentativa de coerção, de modelagem do comportamento do leitor-usuário mediante padrões assumidos como certo pelo sujeito da enunciação, através da voz (locução) do jornal O Estado de São Paulo.

- O Estado de São Paulo, edição de 10 de agosto de 2009

Nesta edição do caderno Link, ocorre algo um pouco diferente das demais: a matéria de capa não é o fio condutor temático da maioria das matérias subseqüentes. No caso desta edição, a temática mais abordada é a da fotografia digital.

Em **L2**, no 4º parágrafo, temos o enunciado:

“O digital mudou tudo – ou quase – na fotografia. “A fotografia extrapolou suas fronteiras com o digital. E o mercado expandiu de tal forma que hoje todo mundo tem interesse nesse assunto”, observa Duda Escobar, show manager da PhotoImage Brasil, maior evento do setor da América Latina, que começa amanhã em São Paulo (mais informações na página L4)”

Este enunciado é bastante ambíguo e mostra mais uma vez como as diversas vozes e interesses reverberam através do ato de enunciar. Os enunciados que o antecedem vão no sentido de dizer que a fotografia digital reformulou o ato de fotografar, tendo a rede um papel fundamental nesse percurso.

No entanto, apesar de também seguir essa mesma linha de raciocínio, o que podemos observar é que a tônica desse enunciado não é a afirmação do entrevistado, mas sim o evento e em última instância a empresa em que ele trabalha.

Ou seja, podemos interpretar que a escolha de Duda Escobar não foi delimitada pela importância, pela relevância dessa personagem, mas sim que ele foi escolhido como fonte no intuito de divulgar o evento da empresa em que trabalha. Partindo desse princípio e considerando a possibilidade de uma coerção produtiva (a relação da empresa-jornal o Estado de São Paulo com a empresa PhotoImage Brasil pode ter “pré-selecionado” essa fonte?) podemos até mesmo questionar até que ponto o recorte temático desta edição não foi pautado pelo evento.

Em **L4**, no último parágrafo da matéria *Em baixa, fotografia aposta em novidade para reagir* temos o seguinte enunciado:

“Por enquanto, o que se desenha é o convívio saudável e complementar entre máquinas fotográficas, celulares e até filmadoras – essas, por sua vez, vêm assustadas a ascensão das digitais que filmam em HD”.

Na locução adverbial /por enquanto/ a delimitação temporal é subordinada a uma condicionante que relativiza a oração /convívio saudável e complementar entre máquinas fotográficas, celulares e até filmadoras/, mas ao mesmo tempo insere uma nova variante, a /ascensão das digitais que filmam em HD/.

Em última instância, pode-se interpretar que o pano de fundo desse enunciado é a convergência das mídias, onde a tendência é que tudo conflua para uma mesma plataforma.

Pensando por esse aspecto, a idéia de que as câmeras vêm assustadas (humanização) o potencial das /digitais que filmam em HD/, “levanta a bola” do evento PhotoImage Brasil e, por consequência faz o mesmo com o setor que produz esses produtos.

- O Estado de São Paulo, edição de 24 de agosto de 2009

A temática desta edição é a questão da blogosfera.

Em **L1**, no 5º parágrafo e 6º parágrafo, respectivamente, temos:

“O blog não evoluiu rápido o suficiente e por isso agora ele parece lento demais”, diz o ex-blogueiro Steve Rubel, que matou seu blog para adotar outro estilo de publicação. A aposentadoria de Rubel fez que muitos decretassem a morte do formato.

“Exagero. Como sistema de publicação, ele persiste, mas agora orbita em um espaço em que há mais vozes e ruídos - desorganizados – em ambientes diferentes.”

Tomando os dois enunciados acima, podemos interpretá-los, num sentido metafórico, como as práticas humanas sob o viés da velocidade da informação. O blog, neste caso, seria o objeto que receberia uma carga significativa comportamental, de uma certa *práxis* dentro da lógica da velocidade. O blog como objeto, ganha neste enunciado,

uma nova significação quando este deixa de se relacionar a um ícone e passa a significar uma postura, um estilo.

O locutor do primeiro enunciado se utiliza do discurso direto para apresentar, na voz de outro, uma posição da qual não comunga. Isso pode ser evidenciado na utilização da expressão */matou seu blog/* atribuindo metaforicamente uma carga valorativa negativa ao ato de se abandonar essa forma de publicação, evidenciando a re-significação do blog, se transformando de objeto estático para processo dinâmico.

No segundo enunciado o locutor se posiciona - */exagero/*. E depois justifica a sua posição, apresentando a mudança de significação que se operou.

Em **L2**, no 2º parágrafo, observamos:

“O fim dos blogs estaria mesmo próximo? Dos blogs, como ferramenta de publicação, não. Mas a blogosfera, com a figura do blogueiro, essa pode estar no fim. “Não faz mais sentido pensar o blog isoladamente. As pessoas publicam em vários lugares diferentes e ao mesmo tempo”, explica a especialista da PUC-RS Ana Maria Brambilla. O blog hoje faz parte de um movimento maior, o de mídias sociais. Há muito mais pessoas participando. Ele não está isolado.”.”

Aqui, novamente o locutor do enunciado se utiliza dos recursos narrativos de discurso indireto e direto da fonte, no caso a */especialista/* (reforço da posição de poder a fim de dar mais relevância ao enunciado) Ana Maria Brambilla. Mais uma vez, a dinâmica da rede é metamorfoseada na figura do blog, na oposição objeto (estático)/ processo (dinâmico).

- O Estado de São Paulo, edição de 31 de agosto de 2009.

Esta edição é, basicamente, pautada pela discussão entre mídia física x distribuição digital.

Em **L1**, no 2º parágrafo:

“Nos últimos anos, entretanto, esta valiosa fonte de renda, que em sua origem era vista com temor e receio pelos estúdios, começou a secar. Afinal, os tempos são

outros. A internet permite o acesso imediato e gratuito – ainda que de forma ilegal – às novidades do cinema.”

Observa-se a internet regendo o novo tempo (“Afinal, os tempos são outros”), como condicionador de uma conjuntura. Nesta conjuntura, a produção cultural é encarada sobre o véis mercadológico, já que é mensurada através do que é produzido nos grandes estúdios. Além disso, coloca um juízo de valor embutido no /ainda que de forma ilegal/.

Em **L2**, no 1º parágrafo:

“A videolocadora é um fenômeno do século passado. O formato digital facilitou o acesso a filmes e a reprodução digital facilitou o acesso a filmes e a reprodução de vídeos. Locadoras estão morrendo ou, ao menos, se adaptando a uma era em que é na web, e não mais em lojas, que as pessoas pegam filmes”

As noções de tempo (século passado) evidenciam um enunciado voltado para a idéia do progresso, da linearidade da inovação tecnológica em termos de superações sucessivas. As /locadoras estão morrendo/, /não mais em lojas que as pessoas pegam seus filmes/ pressupõe um leitor/enunciatário que está inserido neste processo, que compartilha dessas noções. Ele exclui, por exemplo, aquele que queira refutar a tendência, tornando o processo de refuta, por essa construção enunciativa, praticamente impossível.

6 Considerações finais

Buscamos, ao longo desse trabalho, fazer uma discussão que consideramos bastante pertinente e que nos perpassa a todo momento, queiramos ou não. Discutir o que é tecnologia, como ela se constitui como tal, sob quais contextos e interesses ela se molda e também molda seu entorno, foram algumas das tônicas deste projeto.

Sabemos que, longe de pretender englobar todas as variáveis do que convencionou chamar de “sociedade em rede”, este trabalho assume suas limitações e contradições – que consideramos inerentes a qualquer processo de reflexão.

Os conceitos e discussões realizadas não almejam uma univocidade, estabelecer parâmetros e modelos fechados, mas sim contribuir com uma pequena parcela da reflexão de uma temática tão vasta.

No primeiro capítulo, buscamos expor algumas linhas de raciocínio que consideramos básicas para uma reflexão posterior mais refinada. No segundo capítulo apresentamos alguns dos conceitos que balizaram a análise de nosso corpus analítico, colocando-nos no papel do analista e fazendo uma reflexão sobre como isso se manifesta, expondo suas incongruências e escolhas.

Num último capítulo, trouxemos a descrição da totalidade do corpus analítico e também a análise do discurso propriamente dita.

Em termos gerais buscamos apresentar como os elementos lingüísticos, as palavras e as construções que se pretendem naturalizar são perpassados por uma ideologia – não entendida de forma pejorativa- mas sim como algo inerente a qualquer atividade humana.

Referências

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1985

BIANCO, Nélia Del. **Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização**. Disponível em:

<<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/731/517>>

Acesso em: 08/10/2009.

BRITTOS, Valério Cruz. **Novas tecnologias comunicacionais, economia política e continuidade**. Disponível em:

<<http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%20%202%20%20cesar%20bolano/valerio%20cruz%20britos.doc>> Acesso: 09/10/2009.

CASSIANI, Suzani; LINSINGEN, Irlan Von; GIRALDI, Patrícia M. **Análise do Discurso: Enfocando os estudos sobre a Ciência e a Tecnologia na Educação**. Disponível em:

<www.necso.ufrj.br/esocite2008/trabalhos/36312.doc> Acesso: 05/11/2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol I: A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick ; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital-informação**: Fragmentos dos monopólios e monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. In **Comunicação&política**, n.s, v.3, n.1, PP. 34-57.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. *Novos Estudos*, v.77, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a05n77.pdf>>. Acesso: 20/09/2009.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

FISCHER, Rosa M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, novembro/ 2001 p. 197-223, novembro/ 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742001000300009&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso: 03/11/2009

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JOHNSON, Steven. **A cultura da interface**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KERCKHOVE, Derrick De. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MATTELART, Armand. **Comunicação mundo: História das idéias e das estratégias.** Petrópolis: Vozes, 2001

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Bauru: Edusc, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2003.

PIRRÓ E LONGO, Waldimir. **Ciência e tecnologia : evolução, inter-relação e perspectivas.** Trabalho publicado nos Anais do 90 Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGEP) - vol. 1,42 (1989)

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Tecnopia versus tecnofobia: O mal-estar do século XXI.** Disponível em <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie248empdf.pdf>>. Acesso: 10/10/2009.

SERRA, Joaquim Paulo. **A internet e o mito da visibilidade universal.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-internet-mito-visibilidade-universal.pdf>> Acesso: 16/03/2009

SCHWAAB, Reger T. **Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos da análise do discurso.** Em *Questão*, Vol. 13, No 1 (2007). Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewArticle/2002>> . Acesso: 09/10/2009

STAN, Robert. **Bakhtin: Da Teoria Literária à cultura de massa.** São Paulo: Ática, 1992

VIZEU, Alfredo. **A Produção de Sentidos no Jornalismo: da Teoria da Enunciação à**

Enunciação Jornalística A.I.C.L Vol. 2, No 1 (2004). Disponível em <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1161/907>> Acesso: 09/10/2009

